



Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ONIROPOLÍTICA COMO ARTICULAÇÃO DO DESEJO: A TENDA DO SONHO NO CENTRO DE
CONVIVÊNCIA E CULTURA DE NATAL/RN

Abner Ferreira Barbosa Tertulino da Cunha

Natal

2025

Abner Ferreira Barbosa Tertulino da Cunha

ONIROPOLÍTICA COMO ARTICULAÇÃO DO DESEJO: A TENDA DO SONHO NO CENTRO DE
CONVIVÊNCIA E CULTURA DE NATAL/RN

Dissertação elaborada sob orientação da Profa. Dr. Ana Karenina de Melo Arraes Amorim e coorientação do Prof. Dr. Mário Francis Petry Londero, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal

2025

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Cunha, Abner Ferreira Barbosa Tertulino da.

Oniropolítica como articulação do desejo : a Tenda do sonho
no Centro de Convivência e Cultura de Natal/RN / Abner Ferreira
Barbosa Tertulino da Cunha. - Natal, 2025.

103 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande
do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia. Natal, RN, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Ana Karenina de Melo Arraes Amorim.

Coorientação: Prof. Dr. Mário Francis Petry Londero.

1. Sonhos - Dissertação. 2. Política - Dissertação. 3.
Oniropolítica - Dissertação. 4. Saúde Mental - Dissertação. 5.
Psicanálise - Dissertação. I. Amorim, Ana Karenina de Melo
Arraes. II. Londero, Mário Francis Petry. III. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 159.963.33

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é, por si só, um ato de afrouxamento. Em meu caso, representa que toda a jornada da escrita encontra-se finalizada e agora posso rememorar a presença daqueles que animam o meu viver e cooperaram na confecção deste trabalho. Foi um momento muito esperado e, enfim, concretizado.

Todas as honras dedico à flor de meu viver, Bárbara Cortat, inabalável companheira que está ao meu lado diariamente enfrentando todos os desafios que insistem em surgir.

Agradeço aos meus pais, Rogério e Tânia, pelo cuidado imenso que até hoje não falta.

Agradeço à minha irmã, Ana Beatriz, por ter sido com quem mais criei outros mundos através do exercício imaginativo que ganhava forma no brincar.

Agradeço aos meus queridos orientadores. Ana Karenina, por sua forma apaixonada de transmitir saberes e navegar conosco em mares da diferença. Mário Francis, por seu quase incansável cuidado docente que sempre se manifestou com leituras atentas e precisas.

Agradeço aos queridos colegas de caminhada acadêmica que me lembraram que a academia é para ser vivida junto: Andrea, Bárbara, Brígida, Carlos, César, Felipe, Kimi, Indianara, Isabela, Júlia, Olga e Vinícius. Aproveito para lançar gratidão à professora Teresa Nobre que sempre me foi uma figura de inspiração e representação de que é possível conhecer e transformar. Destaco também o olhar generoso de Carlos que me ofertou a ideia da Tenda do Sonho e foi fundamental na elaboração deste trabalho. Para todo o grupo Gentileza, minha gratidão, respeito e carinho.

Agradeço imensamente ao corpo de servidores e voluntários do Centro de Convivência e Cultura de Natal/RN que não apenas acolheram esta pesquisa, como também a possibilitaram e encorajaram em inúmeros momentos. André, Beatriz, Carlinhos, Lucileia, Natália, Rebeca e Roxane, vocês foram vitais neste processo.

Agradeço aos participantes da Tenda do Sonho, que são os grandes protagonistas desta pesquisa, por terem sido a minha fonte de força para atender as demandas do mestrado. Antônio Edson, Eliel, Elson, Jair,

Lucas, Lucélia, Mariana e Rafael, vocês me apresentaram a força da pluralidade da vida e o poder que reside no universo onírico.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por ter subsidiado toda esta pesquisa.

Gostaria de finalizar afirmando que sou fruto direto da política de incentivo à educação dos governos Lula e Dilma, fui estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e aos 14 anos recebi minha primeira bolsa de Iniciação Científica, o que mudou integralmente minha trajetória de vida. Posso dizer seguramente que tal acontecimento ampliou as minhas possibilidades de existir.

SUMÁRIO

Lista de imagens	8
Resumo	9
Abstract	10
1. Prólogo	11
2. O Fogo que cura – Sonho de abertura do campo	12
3. Introdução	20
4. Metodologia	23
3.1 O Centro de Convivência e Cultura de Natal/RN: Apresentação do Campo.....	23
3.2 Tenda do Conto, Objetos Relacionais, Montagem.....	30
5. O sonho e o sonhar como maquinaria política em resistência ao capitalismo	43
4.1 Sonhos como Resto – um Mergulhar nas Cinzas.....	43
4.2 O Sonho na Cidade Pós-Industrial: “Não Há Tempo para Sonhar”.....	46
4.3 Ampliando Fronteiras sobre o Sonho e o Sonhar.....	51
6. Oniropolítica e Reforma Psiquiátrica: o CECCO como catalisador do sonhar coletivo	65
5.1 Sonhar a Reforma Psiquiátrica – Sonhar uma Sociedade Sem Manicômios.....	65
5.2 Águas em Chamas.....	71
5.3 Violão Encantado: Sobre a Relação com os Objetos Relacionais.....	76
5.4 Oniropolítica como Articulação do Desejo.....	82
7. Considerações Finais	94
8. Referências	98

LISTA DE FOTOGRAFIA

Fotografia 1 - Vista frontal da parte externa do CECCO Natal.....	27
Fotografia 2 - Vista lateral da parte externa do CECCO Natal.....	27
Fotografia 3 - Vista lateral da parte externa do CECCO Natal.....	28
Fotografia 4 -Construção que abriga o refeitório, banheiros e salas utilizadas pelos três serviços.	28
Fotografia 5 - CAPSi e anexos.....	29
Fotografia 6 - Parte interna do CECCO a partir da visão no canto do palco.....	29
Fotografia 7 - Parte interna do CECCO a partir da visão de frente ao palco.....	30
Fotografia 8: Colagem produzida pelo grupo no dia 19 de setembro de 2024.....	75
Fotografia 9: Participante e o violão.....	79
Fotografia 10: Mesa com objetos relacionais.....	80
Fotografia 11: Mesa com objetos relacionais.....	80
Fotografia 12: Participantes com seus objetos após realização da Tenda do Sonho.....	81
Fotografia 13: Grupo após realização da Tenda do Sonho.....	81

RESUMO

Os sonhos são legítimos atos psíquicos que possuem importante papel em diferentes culturas e formações sociais. Sua criação e partilha em coletivo operam como um excelente sismógrafo social que testemunha não apenas quem sonhou, mas de todo seu entorno político e cultural. Apesar disso, os sonhos não recebem o devido estatuto na cidade pós-industrial, sendo relegados a um lugar de esquecimento e desprezo. O vazio da experiência, característico da modernidade, acomete o campo dos sonhos. Diante disso, o objetivo dessa pesquisa é investigar as potências da partilha coletiva de sonhos na produção de saúde, na criação da vida e de práticas de resistência à ordem capitalista. Para tanto, desenvolveu-se o dispositivo metodológico da Tenda do Sonho, que encontrou terreno fértil para seu florescimento no Centro de Convivência e Cultura (CECCO) de Natal/RN. Com isso, percorreu-se um trajeto contornado pelas cenas do campo de pesquisa, juntamente com sua devida apresentação, imagens, narrativas oníricas e discussões pautadas pelo território epistemológico de referência.

Palavras-chave: Sonhos; Política; Oniropolítica; Saúde Mental; Psicanálise.

ABSTRACT

Dreams are legitimate psychic acts that play an important role in different cultures and social formations. Their creation and collective sharing act as an excellent social seismograph that bears witness not only to the dreamer, but to their entire political and cultural environment. Despite this, dreams are not given their due status in the post-industrial city, being relegated to a place of oblivion and contempt. The emptiness of experience, characteristic of modernity, affects the field of dreams. In view of this, the aim of this research is to investigate the powers of the collective sharing of dreams in the production of health, the creation of life and practices of resistance to the capitalist order. To this end, the methodological device of the Tent of Dreams was developed, which found fertile ground for its flourishing at the Center for Coexistence and Culture (CECCO) in Natal/RN. As a result, a path was traversed through the scenes of the research field, along with their proper presentation, images, dream narratives and discussions based on the epistemological territory of reference.

Keywords: Dreams; Politics; Oneiropolitics; Mental Health; Psychoanalysis.

1. PRÓLOGO

Aos que me leem, peço com toda a licença que me permitam, em primeira pessoa, tratar um pouco dos caminhos e descaminhos que me trazem até aqui. Mais especificamente, ao ato de apostar nos sonhos como potência de vida. Sou alguém que possui dezenas de relatos atrelados aos meus atos que acontecem durante o sono. Sou um sonâmbulo contumaz inundado por sonhos que me despertam frequentemente. Se vou ao cinema, sonho com o filme, aliás Benjamin colocara que o cinema coletiviza o sonho. Se me angustio, sonho com aprisionamentos, perseguições. Se sonho, crio mundos de possibilidades outras que não aquelas consagradas pela consciência.

Sou filho de pais nascidos no interior do Rio Grande do Norte que se conheceram na capital do estado: Natal. Fui criado na Zona Norte da cidade, mais especificamente no bairro do Igapó, às margens do Rio Potengi, que corta e separa espacialmente a Zona Norte do restante da cidade. Apesar de não ser o centro turístico nem o local consagrado para sediar as instituições que nos permitem organizar a vida em sociedade, a Zona Norte é de longe a região mais populosa de Natal, contendo cerca de 40% de sua população total. Desde cedo, eu e os outros milhares de moradores da Zona Norte diariamente atravessávamos as pontes sobre o Rio Potengi para chegar às regiões centrais de Natal para estudar, trabalhar, resolver coisas, etc. Sempre uma trajetória difícil, marcada pelo transporte público precário e os longos congestionamentos. Durante a graduação em psicologia na UFRN (localizada na Zona Sul da cidade), as 3 horas diárias vividas dentro do transporte coletivo eram, quando possível, marcadas pela leitura e a fantasia.

Fantasiar é uma de minhas ações prediletas, um recurso de vida que me sustém. Trata-se de uma verdadeira mola que me põe em ação no mundo. Confeccionar futuros, desejar presenças e ansiar com esperança são algumas das principais ações que me permitem sentir um intenso fluxo de vida atravessando-me. Em 2020, diante de todo o alvoroço pelo enfrentamento à pandemia global ocasionada pelo coronavírus e a mortificação proveniente dela, as fantasias me foram habitação. Imergi vorazmente em literaturas, sonhos e jogos, quase que em contraponto ao consumo desenfreado de informações jornalísticas

relacionadas à pandemia. E assim, foi se criando um meio de atravessar tão árido deserto, parece que minhas forças provinham de um lugar outro, que não o “mundo real”. Com isso, me questioneei: será mesmo que as fantasias são uma forma de desviar da realidade? Mas que desvio seria esse? O que ele seria capaz de produzir? E, intimamente, uma potente matéria dizia que a fantasia era a própria mola de meus atos.

Com tal sensação no corpo, passei a buscar ressonâncias em outros lugares, até que me deparei com o desenvolvimento de pesquisas sobre o sonhar na pandemia, aqui o vasto mundo onírico se abriu perante mim. Desde que me recordo, sempre desejei sonhar. Foram inúmeras as vezes em que ao despertar interrompendo um sonho, tentei forçar-me a dormir novamente para retomá-lo, jamais obtive êxito, porém, a sensação de que sonhar é bom demais sempre permaneceu viva. Ser colocado diante da constatação de que os sonhos podem algo me é muito potente e me permitem interrogar: o que pode um sonho? Quais futuros são possíveis sem o ensejo de sonhos no presente?

Cresceu-se uma inquietação que conciliou-se com o meu amor pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com as quais interagi vividamente em minha graduação de psicologia por intermédio da participação em uma pesquisa-intervenção no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), que ocorreu com a realização de um grupo de Gestão Autônoma da Medicação (GAM), dos estágios curriculares e das apresentações dos paradigmas da Reforma Psiquiátrica nas disciplinas. Assim, comecei a me propor o lugar de ser testemunha de sonhos num serviço da RAPS de minha cidade (Natal/RN) e, em grupalidade, viver o que os sonhos podem produzir. Considero essas as sementes desta árvore que tornou-se esta dissertação.

2. O FOGO QUE CURA – SONHO DE ABERTURA DO CAMPO

Para passar de uma palavra física ao seu significado, antes, destrói-se-a em estilhaços, assim como o fogo de artifício é um objeto opaco até ser, no seu destino, um fulgor no ar e a própria morte. Na passagem de simples corpo a sentido

de amor, o zangão tem o mesmo atingimento supremo: ele morre.

(Clarice Lispector, 1999, p. 325)

Ao iniciar contato com o campo de pesquisa, passei a sonhar e a recordar sonhos intensamente. Em dado dia, ainda no início de minha aproximação com o campo, vou ao Centro de Convivência e Cultura (CECCO) e, durante o sono que se seguiu neste dia, elaboro o seguinte sonho:

Estou como que na calçada da casa dos meus pais e há muita gente comigo, pessoas do CECCO por toda parte. A calçada está toda preenchida. Chegam três motoqueiros e anunciam um assalto. Um porta-voz do nosso grupo informa: 'É melhor vocês não fazerem isso.' O nosso grupo puxa suas armas. O porta-voz diz: 'Olha, vocês já até perderam uma das motos de vocês.' Alguém do nosso grupo já está com uma das motos deles. Eles decidem ir embora, mas, antes disso, disparam um tiro que me atinge um pouco abaixo do peito esquerdo. Peço socorro e não sou atendido. Vou caminhando pedindo para que alguém me leve para o hospital, mas o meu grupo parece estar ciente de algo que desconheço. Olho para minha camisa e percebo que o sangue não estava se espalhando, mas estava sob o único ponto em que entrou a bala. Levanto a camiseta e vejo que o local de perfuração da bala foi cicatrizado pelo fogo do disparo.

O fogo que cura. Poucas coisas podemos associar como tendo uma voracidade semelhante à do fogo. Na mitologia grega, o roubo do fogo do Olimpo por Prometeu, que o entrega à humanidade, resultou no duro castigo imposto por Zeus de permanecer no alto de um monte tendo seu fígado bicado por uma águia. Parece que o fogo detém um poder contestatório que mina a ordem desejada pelos deuses gregos, à qual Prometeu se contrapõe. Grande parte dos povos narram preciosas histórias sobre o fogo.

Na célebre obra de Claude Lévi-Strauss, *O cru e o cozido* (2021), o fogo adquire importância fundamental por ser um marco da distinção entre natureza e cultura. Neste livro, foram analisados 187 mitos coletados por vários pesquisadores entre povos indígenas do Brasil. Todos os mitos referem-se “direta ou indiretamente à invenção do fogo e, portanto, da cozinha, enquanto símbolo no pensamento indígena. Da passagem da natureza à cultura” (Lévi-Strauss, 2021, p. 51). O cru é a metáfora da natureza e o fogo da

cultura. Os animais se alimentam de carne crua enquanto os homens comem carne cozida. Os mitos nos contam que houve um certo tempo, anterior ao roubo do fogo, em que essa relação se encontrava invertida ao que é hoje, os animais detinham proeminência. Nas narrativas da gênese do fogo entre as muitas etnias indígenas brasileiras, diferentes animais detêm a posse do fogo. Entre os Yanomami, por exemplo, é o jacaré; no mito Guarani são os corvos os mestres do fogo; já para os Sateré-Mawé é um mortal; entre os Cauaiua-Parintintin é o urubu. Neste mito da língua Tupi, os urubus eram os donos do fogo, até que o herói finge-se de morto, acaba sendo envolto por urubus que acendem uma fogueira para cozinhá-lo. Então, o herói desperta e os afugenta tomando posse do fogo, entregando-o aos homens.

Muitos dos mitos parecem não tratar explicitamente acerca do fogo, porém, Lévi-Strauss reconhece que "temos razões para admitir que o mito Bororo se refere à origem do fogo apesar de sua extrema discrição quanto a isso" (*O cru e o cozido*, p. 169). Isso se deve à concepção straussiana de que não há mito que exista isoladamente, ele está relacionado numa constelação de outros mitos. A sua interpretação só é dada mediante uma análise conjunta com outros grupos de mitos que lhes são próximos.

Aqui entra um importante ponto acerca de meu sonho. Será que minha produção onírica diz algo de si mesma isoladamente? Creio que não. A intensa afetividade produzida pelo encontro com um campo de pesquisa vivo e pulsante o produziu.

Os mitos assumem uma posição cuja relação com o mundo da experiência social é proveniente de as coisas assumirem a função de signos e os signos a função de coisas. Parece dizer de um mundo anterior à divisão entre palavra e coisa perpetrado pela lógica com seu princípio de identidade e a realidade empírica. Essa característica ressalta a tese trazida por Castro (2018) em seu anti-narciso, pois, no animismo, o estatuto de pessoa não está restrito aos seres humanos, antes, guarda o tesouro de que “Há mais pessoas no céu e na terra dos índios do que sonham nossas antropologias” (p. 54). Semelhantemente, penso que os sonhos ocupam este lugar. Nos sonhos, a voz é proveniente dos mais distintos lugares: animais, objetos, plantas, fungos, etc., todos podem ser sujeitos. O “ou...ou”, o “é...é”, o “não é...não é” também parecem

dissipar-se diante de um mundo aberto de possibilidades que não são clivadas pelo exercício avassalador da racionalidade ocidental.

Diante disso, nossa escrita busca a fuga de uma relação interpretativa que fecha circuitos de pensamentos acoplando-os a um pré-moldado teórico. Em lugar disso, intenta-se a produção de associações que ampliam possibilidades, produções que amplificam sentidos e significados. Lévi-Strauss (2021) faz uso da metáfora cósmica para elucidar as transformações dos sistemas mitológicos:

À medida que a nebulosa se expande, portanto, o seu núcleo se condensa e se organiza. Filamentos esparsos se soldam, lacunas se preenchem, conexões se estabelecem, algo que se assemelha a uma ordem transparece sobre o caos. Como numa molécula germinal, sequências onde ondas em grupos de transformações vêm agregar-se ao grupo inicial, reproduzindo-lhe a estrutura e as determinações. Nasce um corpo multidimensional, cuja organização é revelada nas partes centrais, enquanto em sua periferia reinam ainda a incerteza e a confusão (p. 21).

Nessa imagem, procura-se inspiração para tratar com os sonhos. No sonho citado no início deste trabalho, há uma violência explícita que se dirige a um ambiente inteiramente familiar: a calçada da casa de meus pais repleta de usuários e equipe técnica do CECCO. O tempo atual não é bom para a saúde mental de Natal/RN. Em 2024, lutamos com a ausência de medicamentos psiquiátricos na Unidade Central de Agentes Terapêuticos (UNICAT), o fechamento do maior e mais antigo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade, o CAPS III Leste, bem como sua não realocação para um prédio próprio, e a tradicional insuficiência de recursos que causa sucateamento da estrutura e esgotamento na equipe.

Vivemos um processo de precarização e esvaziamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no município. Em 11 de outubro de 2024, segundo dados disponíveis no Natal Transparente (NATAL, 2024), assinou-se um contrato que destina, em estimativa inicial, R\$ 7.082.044,20 (sete milhões oitenta e dois mil quarenta e quatro reais e vinte centavos) para a Sociedade Professor Heitor Carrilho pela prestação de serviços de psiquiatria no Hospital Psiquiátrico Severino Lopes, ou seja, recursos públicos empenhados na contratação de leitos em hospital psiquiátrico privado. De outro lado, a Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2024, disponível no Natal Transparente (NATAL, 2024), garantiu R\$ 7.925.737,00 (sete milhões

novecentos e vinte e cinco mil e setecentos e trinta e sete reais) para todos os serviços que a LOA nomeia como Rede de Saúde Mental, a saber, CAPS, Residências Terapêuticas e Unidades de Acolhimento.

Esse cenário diz de uma destinação de um montante próximo entre uma única instituição privada e toda a RAPS do município. Essa prática da gestão atual, que governa desde 2018 e elegeu seu candidato em 2024, está sendo imposta em discordância com decisões tomadas no Conselho Municipal de Saúde (CMS), o que resultou na elaboração de uma nota de repúdio (O Poti, 2023), assinada por mais de 20 entidades, que denuncia o não cumprimento das seguintes normas: (1) Lei federal 10.216/2001, que exige a reorientação dos cuidados em saúde mental para os serviços e dispositivos territoriais do Sistema Único de Saúde (SUS), atualmente garantida pela Rede de Atenção Psicossocial do SUS, em sua relação intersetorial com outras políticas; (2) Lei estadual 6.758/1995, que proíbe a construção e ampliação de hospitais psiquiátricos no RN; e (3) Lei municipal nº 5.281/2001, que prevê a redução progressiva da utilização dos leitos psiquiátricos na cidade de Natal.

O retrato atual é de violência ao SUS e à RAPS, operando, de dentro do serviço público, um processo de privatização. Os usuários vivenciam na pele as implicações desta política e evidenciam no corpo as marcas das violações. No sonho, são três figuras que aparecem em suas motos querendo nos tomar de assalto, o que me remete agora às três esferas do Estado (Municipal, Estadual e Federal) e aos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). A despeito disso, nosso porta-voz anuncia: *“É melhor vocês não fazerem isso”*. O grupo age: *“O nosso grupo puxa suas armas”*. E ele novamente avisa: *“O porta-voz diz: ‘Olha, vocês já até perderam uma das motos de vocês’”*.

Quem pode resistir ao Estado formatado e encomendado pelo modo de produção capitalista que, no Brasil, ainda é atravessado por uma forte corrente conservadora e evangélica que toma de assalto os recursos e destinações públicas no campo da saúde mental? Talvez os grupelhos de Guattari (1987). Ele nos dirá que:

A luta de classes não passa mais simplesmente por um *front* delimitado entre os proletários e os burgueses, facilmente detectável nas cidades e nos vilarejos; ela está igualmente inscrita através de numerosos estigmas na pele e na vida dos explorados: autoridade, de posição, de nível de vida; é preciso decifrá-la a partir do vocabulário de uns e de outros, seu jeito de

falar, a marca de seus carros, a moda de suas roupas, etc. Não tem fim! (...). Já está mais do que na hora de se organizar em todos os níveis para encarar esta luta de classe generalizada. (p. 15).

A realidade do modo de subjetivação capitalista está incutida nas mais variadas relações e se presentifica mesmo no âmbito das militâncias anticapitalistas. Guattari (1987) nos alerta acerca disso e aponta que uma energia capaz de modificar as relações de força não cai do céu, mas consiste na transformação de uma energia biológica - a libido - em objetivos de luta social. Se, desde Freud, sonho é desejo, a onipolítica não seria justo isso desejado por Guattari e aplicado ao campo dos sonhos? Operar coletivamente com a libido transformada pelo sonhar?

Os grupelhos são formações de uma dada experimentação social que expressam sua singularidade, seu devir, no qual a luta se generaliza. Não há pretensões totais, mas há a recomendação do autor de que se multipliquem ao infinito.

Voltando ao sonho, conseguimos espantar os assediadores, apontamos nossas armas, tomamos uma de suas motos e os colocamos para fugir, mas não sem retaliação. O rastro de sua violência é deixado com o disparo de uma arma de fogo que me acerta logo abaixo do coração.

Esse poderia ser o momento derradeiro do sonho, como de tantos outros que são interrompidos abruptamente com uma intensa cena de violência, mas não; neste sonho, a violência impetrada não representou o seu final. Fico combalido, sinto o golpe e clamo por socorro, o grupo parecia já estar ciente de que aquela violência sofrida não representava o final das possibilidades e não se desesperam junto comigo. Até que olho para minha camiseta e vejo o sangue concentrado apenas no formato da bala, levanto a camisa, percebo o ferimento cicatrizado e penso em sonho 'o fogo da bala fez uma cicatriz'. Neste sonho, o próprio ato de destruição transformou-se em cicatriz. No Seminário 11 de Lacan (1964/2008), o autor trabalha o termo cicatriz como sinônimo de hiância, uma das formas privilegiadas de emergência da angústia. É possível, neste caso, pensar esta cicatriz como elemento angustiante do sonho que lança questões ao contexto atual vivido na saúde mental brasileira.

Em uma cena do bonito filme de Luiz Bolognesi intitulado *A última floresta* (2021), Davi Kopenawa, o Xamã Yanomami, se encontra deitado em uma rede, quase adormecendo, mas já sonhando. Ele exprime as seguintes palavras:

Aqui na floresta é escuro, as pessoas dormem logo,
já que fica tudo quieto.
Não tem carros, luzes, e se dorme bem.
Quando você sonha, você organiza o seu pensamento.
O que será que eu sonhei?
Hoje vou dormir com fome, então, talvez eu sonhe.
Vou dormir no fogo. Sou a floresta de verdade.
Eu sou a própria floresta, quente.
[Alguém sussurra:] Ele está quente. Davi está quente.
É fogo sobrenatural.
O espírito Thorumari.
Trouxe o verão e ficou.
(Bolognesi, 2021, 13'31'-15'02'').

O sonho de Davi é um sonho de fogo. De forma geral, o ambiente é moldado pela agência dos inúmeros agentes cósmicos, o povo da mercadoria, os *xapiri*, etc., de modo que há um trabalho importantíssimo sob a responsabilidade dos xamãs. Com suas atividades oníricas, eles tamponam o retorno da floresta ao caos, impedindo-a de se tornar pútrida. No sonho de Kopenawa, espírito e fogo se apresentam de modo indiscernível: “Eu sou a própria floresta, quente”, diz Davi. O sonho consiste na agência cósmica do pensamento, é o lugar caracterizado pela primazia de uma articulação ético-estético-política que viabiliza a defesa da floresta, o encontro com outros entes cósmicos e a emergência de devires, no sonho citado: um devir-fogo.

O devir-fogo. Esse elemento carrega consigo a potência de purificar enquanto destrói, renascer enquanto mata. O sol, astro maior de nosso sistema, é conhecido por ser uma bola gasosa em intensas chamas flamejantes. Ele é provedor de vida em nosso planeta, elemento indispensável sem o qual estaríamos fadados à extinção. Entretanto, não devemos distanciá-lo da destruição e da morte. A ave fénix revive através de uma auto-combustão, tornando-a capaz de ressurgir em meio às cinzas. O devir-fogo é de mudança, transitoriedade, hiância, transformação, morte e renascimento.

O fogo pode ser compreendido como um elemento paradoxal, pois, na medida em que concede vida, tira-a, alimenta e destrói. Todavia, a destruição é mais do que mera mudança, é uma renovação, como surge em meu sonho citado neste capítulo. Eu morro com o tiro de um revólver, porém, o próprio fogo da bala tratou de cicatrizar-me. É um rodopio que marca a transformação de meu lugar enquanto pesquisador, psicólogo, estudante, profissional da saúde mental, militante, ocasionado pela força de um coletivo de usuários da saúde mental que se inventa ainda que diante das brutais violências impostas pela vida sob o império capitalístico do capitalismo.

Posso dizer que uma espécie de auto-combustão alcançou-me e o devir-fogo me lançou para um lugar outro. Desconheço o fim deste caminho, mas afirmo as transformações que já se fazem presentes em meu corpo. É preciso lutar, pois a vida pede e pode mais.

Encerro este capítulo com o pequeno poema *Incêndio*, de Al Berto (2000):

se conseguires entrar em casa e
alguém estiver em fogo na tua cama
e a sombra duma cidade surgir na cera do soalho
e do tecto cair uma chuva brilhante
contínua e miudinha – não te assustes
são teus antepassados que por um momento
se levantaram da inércia dos séculos e vêm
visitar-te (p. 38).

2. INTRODUÇÃO

Todo conhecimento começa com o sonho (...)

Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.

(Alves, 1994, p.77)

A produção que aqui se testemunha floresce da intuição de que a arte da narração promoveria alguma reconciliação, a despeito da incapacidade de fazê-la de forma definitiva, com as chagas e aporias de nossa temporalidade. Somos finitos e tal característica nos toma e nos envolve legando-nos as efemeridades do tempo e suas contingências. Porém, é nessa inscrição efêmera e precária que se vem a ser. Trata-se de uma retomada a partir da frágil matéria da linguagem que produz novas apreensões do tempo e da vida. Uma composição a partir dos rastros, como diria Benjamin (1987). Essa é a afirmativa desta pesquisa.

Toma-se por iniciativa o resgate da narração na confecção das experiências humanas, assim, busca-se investigar os meandros da narração através da fantasia, interrogando-nos, especialmente, acerca do espaço onírico. O ato de sonhar é característico da vida humana. Sonhos preenchem nossas narrativas, animam nosso ciclo de sono e enriquecem o sentido que nos constitui na relação com o mundo. Fato é que fantasiemos e criamos ficções como um dado inescapável, sonhamos durante quase toda a noite (Ribeiro, 2019) e devaneamos durante o tempo de vigília. Nossas fantasias compõem um material vivo, pulsante, e, nos dizeres de Brum (2013, p. 153), "ocupa mais tempo da nossa vida do que aquilo que chamamos de realidade".

É a fantasia que virará Freud de cabeça para baixo colocando em xeque a sua técnica proposta até então; porém, ele nos conta: "Tendo me recomposto, tirei da experiência as conclusões corretas: que os sintomas neuróticos não se ligavam diretamente a vivências reais, e sim a fantasias envolvendo desejos, e que para a neurose a realidade psíquica significava mais que a realidade material" (Freud, 2010b, p. 96). Esse ocorrido fica conhecido na psicanálise como o abandono da teoria da sedução

para o estabelecimento do campo da fantasia e, a partir dele, teoriza-se que a fantasia realiza, sem realizar, um desejo.

A fantasia é uma manifestação radical do desejo, pois carrega seu caráter de produção (Leandro, Couto e Lanna, 2013). Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), tomando como empréstimo um conjunto de articulações, especialmente de Baruch Spinoza, caracterizam o desejo como um princípio produtivo que percorre todo o campo social. Neste sentido, emerge a compreensão da produção social como sendo a própria produção desejante em condições determinadas (Deleuze & Guattari, 2010). Tal conceituação acerca do desejo nos leva a operar mediante uma diluição da dicotomia entre sujeito e objeto, vendo no sonho um além-biográfico.

A problemática metapsicológica acerca do conceito de desejo desemboca, necessariamente, em uma reflexão sobre a aparente oposição entre: a noção de falta, característica da psicanálise freudolacanianana, e a de mobilização para a produção, característica da crítica à psicanálise tecida pela esquizoanálise. Neste trabalho, parte-se da constatação lacanianana de que “o mundo freudiano não é um mundo das coisas, não é um mundo do ser, é um mundo do desejo como tal” (Lacan, 1992, p. 280), bem como da crítica esquizoanalítica que nos contará: “sua grandeza [referindo-se a Freud] foi ter determinado a essência ou a natureza do desejo não mais em relação a objetos, fins [...], mas como essência subjetiva, abstrata, libido ou sexualidade” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 358).

Desejo e sonho estão intrinsecamente vinculados, o que recebe um marco importante na publicação de Freud, em 1900, de sua obra homérica: *A Interpretação dos Sonhos*. Nessa data, os processos oníricos receberam um novo estatuto, reconhecidos enquanto legítimos atos psíquicos (Freud, 2019), e ganharam lugar de honra nos círculos psicanalíticos. Entre as imagens incongruentes, absurdas e aparentemente sem sentido, Freud descobriria a lógica do desejo inconsciente. As cenas esquisitas são apenas a superfície aparente do sonho, contudo, uma escuta atenta seria capaz de desvelar a lógica inerente aos conteúdos latentes. Agindo assim, o proponente da psicanálise retirou

os sonhos do campo mítico-religioso, do puramente incognoscível, e lançou-os às contingências da vida de um sujeito, parcialmente capazes de serem interpretados.

Tradicionalmente, entende-se que o sonho só pode ser escutado e interpretado no contexto transferencial de um acompanhamento singular. Embora trate-se de um ponto inegociável na clínica psicanalítica, o psicanalista não pode negligenciar o que emerge nos limiares entre o individual e o cultural, como diz Lafraia (2019), pois o humano e a cultura se instituem e se constituem reciprocamente. Dito isso, há de se destacar a noção de que o sonho não se encerra no indivíduo, mas faz água no coletivo, por vezes produzindo furos em cenários herméticos.

Um conceito para pensar esse campo é o de oniropolítica, elaborado por Dunker (2019) como sendo “a restauração de nossa capacidade de sonhar, de olhar para o lado e de coabitar várias temporalidades contraditórias. Uma oniropolítica, como redefinição de nossas formas de desejar”, uma minuciosa reflexão acerca do poder coletivo do sonho e do sonhar (Dunker et al., 2021).

Nos últimos anos, esse conceito vem sendo trabalhado por pesquisadores de diversos lugares do país. A oniropolítica não se debruça sobre os sonhos focando somente em sua visada terapêutica, analítica ou interpretativa. Entretanto, se propõe a também atentar para a função coletiva do sonho e do sonhar, sendo um campo com ampla abertura de articulações com diferentes matizes teóricas e culturais. Trata-se de uma inserção entre o campo da narrativa singular e o campo da política. Com isso, se desenvolveu a prática de identificar, nos sonhos, questões inerentes do momento histórico em que foram sonhados.

Neste sentido, tecemos duas importantes questões que atravessam o fio narrativo deste trabalho e o orientam, a saber: Quais as potências contidas no ato de sonhar e partilhá-lo em grupo? Como grupos de sonhos podem operar na produção da saúde de profissionais e usuários? Tais questões ganham relevância ao considerarmos que o vazio da experiência, afirmado por Benjamin (1987), desnuda-se na incapacidade de produzir narrativas, partilhas. O sintoma de desamparo da contemporaneidade diz também da ausência de elaboração de contornos simbólicos para o vivido e

que se passam no campo político-coletivo. O espaço urbano é hostil para o florescimento de narrativas, especialmente aquelas de ordem onírica, pois nos sufoca com demandas de lucro, produção e consumo. Acordamos e já partimos imediatamente para a próxima tarefa. Logo, sonhar, rememorar, partilhar e abrir espaço para criações, tornam-se uma prática de resistência. Afirmar o que não encontra lugar no tecido social para, reunindo os restos, criar o novo.

Animados por tais questões e com base no princípio da afirmação dos sonhos trazida pelo campo psicanalítico e o conceito de oniropolítica, realizou-se a Tenda do Sonho no Centro de Convivência e Cultura de Natal/RN (CECCO) entre 29 de agosto de 2024 e 28 de novembro de 2024 com usuários, voluntários e servidoras(e) profissionais da saúde. Conjugados com o potencial da partilha das narrativas oníricas, que remete a saberes e práticas ancestrais, nos assentamos e narramos nossos sonhos uns aos outros. O trabalho que daqui se segue nasce dos engendramentos produzidos por esta experiência.

Desse modo, assume-se aqui o intento de articular, em termos escritos, a conjugação apresentada no grupo entre sonho e desejo, com o objetivo de investigar as potências da partilha coletiva de sonhos na produção de saúde, na criação da vida e de práticas de resistência à ordem capitalista. Para tanto, vamos percorrer um trajeto contornado pelas cenas do campo de pesquisa, juntamente com sua devida apresentação, imagens e narrativas oníricas e discussões pautadas pelo território epistemológico de referência.

3. METODOLOGIA

3.1 O Centro de Convivência e Cultura de Natal/RN: Apresentação do Campo

Os Centros de Convivência e Cultura são serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) que integram a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Sua regulamentação que atesta este estatuto é recente, de agosto de 2024 (Brasil, 2024). Até então, eles estavam incluídos no âmbito da atenção

básica e não recebiam nenhum aporte financeiro federal significativo. Entretanto, com a nova regulamentação, celebra-se uma importante conquista que pode repercutir em um futuro de esperança para a continuidade, melhoria e ampliação desta modalidade de serviço.

Os CECCOs são espaços de sociabilidade, produção cultural e intervenção na cidade, os quais propõem atividades inventivas, fomentando a criatividade dos usuários que por lá participam do cotidiano de tais serviços. Ocupam posição estratégica para a inclusão social de pessoas em sofrimento psíquico, pois, a despeito de não operar com uma clínica clássica, labora com uma clínica do interstício, como conceitua Schenkel (2023), sendo um ponto de fortalecimento para a desinstitucionalização, o cuidado em liberdade e a reabilitação psicossocial.

A clínica do interstício se posiciona como uma articulação entre a arte, a clínica e a política, que labora em favor da desinstitucionalização da loucura. Schenkel (2023, p. 17) a define como “uma rica rede de espaços (...) que faz fluir e vibrar a Rede de Atenção Psicossocial no Sistema Único de Saúde, produzindo deslocamentos substanciais para outras relações com a loucura na vida social”. São espaços intersticiais calcados nas premissas de uma clínica antimanicomial e da criação que visam alterar a paisagem social mediante a formação de outros modos de vida, em especial, aqueles referidos à loucura.

Na circunstância onde se compõe a presente pesquisa, o CECCO de Natal, há importantes traços de sua história a serem mencionados. O centro surgiu mediante o fechamento do Ambulatório de Saúde Mental da cidade, que o legou diferentes questões, práticas, usuários, hábitos e materiais. Sua fundação data de agosto de 2017 e acabou inevitavelmente ocupando o vácuo produzido pelo encerramento do ambulatório, assumindo compromissos de cuidado com a população dos usuários da RAPS.¹ Esse atravessamento marca a característica de que, em nossa cidade, o CECCO sempre pareceu integrar a RAPS e enfrentou dificuldades para integrar pessoas não usuárias da RAPS.

¹ O Ambulatório de Saúde Mental de Natal tinha como eixo condutor a promoção de acompanhamentos clínicos de ordem psicossocial e psiquiátrica e recebia um grande fluxo de usuários da RAPS.

Entre 2017 e 2020, o CECCO funcionou no Centro Integrado de Serviços em Saúde (CIS Pescadores) do bairro das Rocas, tradicional bairro pesqueiro de Natal caracterizado por seu caráter fortemente popular e que mantém vivas importantes tradições carnavalescas, pesqueiras, etc. Neste local, havia uma frutífera conexão com o bairro das Rocas, a qual recordo, por ter frequentado o serviço na condição de bolsista de extensão universitária durante minha graduação e ter vislumbrado caminhadas, maracatus e cirandas representando uma ocupação estética da região. A territorialização é um caminho para a desinstitucionalização da loucura, porém, houve um rompimento deste processo no CECCO Natal com a remodelação do CIS Pescadores para voltar a ser um pronto-atendimento e atender as demandas urgentes provocadas pela pandemia.

Ainda no primeiro semestre de 2020, o CECCO Natal se viu desabrigado e sem sede, até que recebeu uma alocação “provisória” no auditório do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi), onde se encontra até hoje. As limitações que já eram evidentes se agravaram. O novo bairro é Cidade da Esperança, zona oeste da cidade. O terreno atual é compartilhado por três serviços: CECCO, CAPSi e CAPS Oeste, e carrega consigo a marcante história de ser o terreno do antigo leprosário São Francisco de Assis, com seus escombros e restos ainda presentes, separado apenas por um muro dos atuais serviços.

Como foi tipificado para as instituições asilares, o antigo leprosário estava situado distante da população, precisamente a 6 km de distância do espaço urbano em 1929, ano de sua inauguração (Antunes, 2017). Tal fato nos leva a uma possível contradição, a Reforma Psiquiátrica preconiza o cuidado territorial e comunitário, todavia, a gestão municipal aloca quase metade dos serviços da RAPS em Natal (3 dos 7 serviços existentes atualmente) em um histórico local de exclusão, repressão e isolamento. Assim, como o CECCO pode transpor as barreiras geográficas e simbólicas que lhe são impostas para integrar a paisagem urbana de Natal? Como os sonhos e as produções artísticas e culturais dos usuários podem invadir a cidade? Esses são importantes desafios que estão colocados para o funcionamento deste serviço.

Os usuários do CECCO Natal são chamados de convivas e eles, junto com a equipe profissional, são os principais articuladores da construção da ponte entre o CECCO e o restante da cidade. Atualmente, há parcerias com três das principais universidades da cidade: a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN) e a Universidade Potiguar (UnP), bem como frequentes atividades externas nas praias e parques da região. Além disso, nos últimos anos, foram realizadas mostras para a exposição da produção dos convivas em espaços consagrados de Natal, como a Capitania de Belas Artes. O CECCO resiste e persiste a despeito de toda a fragmentação da rede municipal e das violências que lhe são infligidas. Este cenário me convoca a um desejo de escutar os sonhos que são elaborados por aqueles que fazem este serviço.

No 2º semestre de 2024, a RAPS da capital potiguar operou em colapso. Um dos principais dispositivos da cidade, o CAPS III - Leste, ficou sem sede própria, funcionando aos trancos e barrancos em um turno no Ambulatório de Prevenção e Tratamento do Tabagismo, Alcoolismo e Outras Drogadições (APTAD) e no outro em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), ambos localizados em Pirangi, zona sul da cidade. No dia 08 de novembro de 2024, em audiência pública sobre o fechamento da unidade na câmara municipal, uma usuária entra em crise e lança uma cadeira na direção do púlpito (Inter TV, 2024). Após tantas violências e negligências sofridas em decorrência da interrupção abrupta do cuidado oferecido pelo CAPS, o ato de fúria desta usuária denuncia o caos reinante na política de saúde mental de nossa cidade, que opta por investir em um modelo manicomial, na contramão das conquistas do modelo de atenção psicossocial vividas pelos usuários.

Por consequência disso, os demais serviços de saúde mental da cidade tiveram suas dinâmicas alteradas, incluído o CECCO, que passou a receber um número significativamente maior de convivas, resultando numa sobrecarga para as profissionais que dispõe de poucos recursos para manejar as questões pulsantes que vêm surgindo. É diante deste cenário que a proposição da Tenda do Sonho chega para a equipe e os convivas.

Gostaria, nestes primeiros passos sonhados com os convivas nesta dissertação, de deixar o registro fotográfico do ambiente do CECCO Natal para melhor visualização dos leitores.

Fotografia 1 - Vista frontal da parte externa do CECCO Natal



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 2 - Vista lateral da parte externa do CECCO Natal



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 3 - Vista lateral da parte externa do CECCO Natal



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 4 - Construção que abriga o refeitório, banheiros e salas utilizadas pelos três serviços



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 5 - CAPSi e anexos



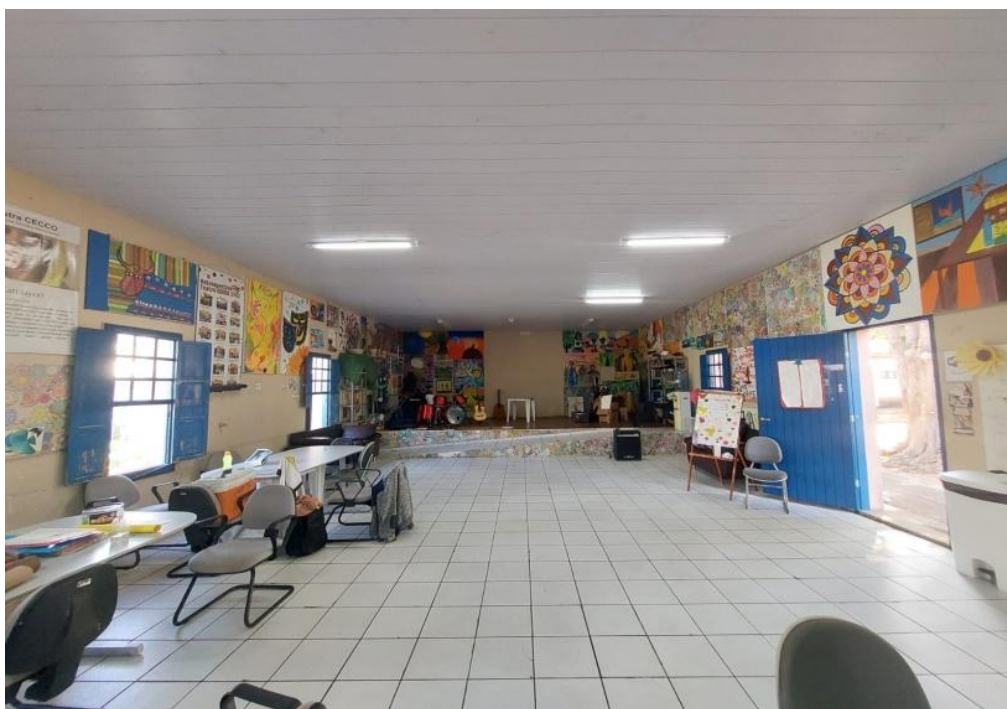
Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 6 - Parte interna do CECCO a partir da visão no canto do palco



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 7 - Parte interna do CECCO a partir da visão de frente ao palco



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

3.2 Tenda do Conto, Objetos Relacionais, Montagem

É quinta-feira, cerca de 14h, o horário estabelecido para a realização da Tenda do Sonho, ou como se popularizou: o Grupo dos Sonhos. Chego e encontro alguns servidores do CAPSi interagindo com servidores do CECCO e convivas durante a pausa do almoço, dentre eles, sou conhecido como ‘o estagiário dos sonhos’, aquele que senta em roda e semanalmente propõe a partilha das nossas aventuras oníricas. O período vespertino é caracterizado como sendo de maior calma no serviço, dado que as oficinas mais agitadas, como dança, *zumba*, *karaokê* e *percurssão*, acontecem majoritariamente pelo turno matutino. Assim, o turno da tarde ficou consagrado como sendo o tempo da introspecção, dos diálogos, das meditações e, no 2º semestre de 2024, dos sonhos.

Ao adentrarmos no serviço e encontrarmos as conversas banzeiras de início de tarde, sob a intensa luz do sol que nos acompanha diariamente, somos transportados para um tempo que não

conta, um tempo que se arrasta lentamente, tal qual nossos avós contam que era antigamente, um tempo interessado em ouvir atentamente nossas histórias e, por isso, tardando a passar. O tempo nas tardes do Centro de Convivência e Cultura dilata-se em aberturas para a partilha da experiência. Desse modo, nos instauramos em uma fração desse tempo propondo a realização da Tenda do Sonho, um dispositivo pensado para tecer costuras possíveis diante da queda de valor da experiência evidenciada por Benjamin (1987). O comando inicial para a sua realização é simples: traga consigo um objeto que remete a um sonho e narre livremente no grupo.

De início, assim que chegamos ao serviço, nos sentamos e conversamos sobre coisas diversas: como foi a rodada do brasileirão ontem? Como têm sido as atividades durante a semana? Como estamos?. E, de certo modo, já antecipamos algumas temáticas a serem tratadas na Tenda: “tenho sonhado muito, mas não estou conseguindo lembrar”, “tive muitos sonhos ruins”, “tô com um sonho para contar hoje”. Assim vamos ficando até nos aproximarmos do horário inicial da oficina. Chegado este momento, juntamos a mesa e as cadeiras, as levamos para debaixo do pé de mangueira que fica na parte ao ar livre do serviço, cobrimos a mesa com uma toalha colorida e vamos, pouco a pouco, colocando nossos objetos em cima do móvel. Dentro de pouco tempo, estamos sentados em roda e prontos para dar partida às narrativas oníricas.

Em acordo com a equipe do CECCO, pactuamos que o grupo seria iniciado com a realização de uma meditação conduzida pelos profissionais do serviço, o que, conforme me foi dito uma vez por eles, “deixa o inconsciente mais maleável e suscetível para fluir as imagens do sonho”. Por conseguinte, sempre que possível para a equipe, abrimos o grupo com um processo meditativo. Música de relaxamento ao fundo, olhos fechados, respiração atenta trabalhando o diafragma e preenchendo todo o pulmão. Repetidas vezes, em uma tentativa de integrarmos nosso corpo e o ambiente para o momento. Encerramos a meditação já em um outro estado, prontos para ouvirmos limpidamente uns aos outros, abertos para devanear junto com os sonhos e prospectar mundos diferentes.

Neste momento, agradecemos a(o) profissional que conduziu a meditação e escolhemos nossos objetos, segurando-os em nossas mãos. A grande maioria dos participantes já elege seu objeto de pronto, mas alguns deixam para fazê-lo apenas no momento de sua fala e outros preferem não narrar junto ao objeto. Não há problema algum quanto a isso. Após, seguimos associando livremente a partir da narração dos sonhos; não existe uma linearidade a ser seguida, mas os participantes convocam uns aos outros para que todos falem e associem a partir dos sonhos partilhados. Vamos contando os sonhos, trazendo à tona nossa relação com o objeto escolhido e, enquanto isso, somos interpelados pelas interrogações lançadas pelo sonhar, mas também pelo grupo. A narração na Tenda do Sonho não se constituiu como monolítica e unilateral, mas rizomática, feita com um emaranhado de associações, na qual permitimos entradas e saídas que, conduzidas cuidadosamente, não operam fechando possibilidades e silenciando, mas ressaltando pluralidades.

Por fim, após todos terem narrado, realizamos um discurso de agradecimento e decidimos coletivamente o que fazer, vamos apenas lanchar e conversar mais um pouco? Vamos sintetizar as imagens oníricas numa colagem coletiva? Vamos refletir sobre as pautas e dinâmicas do CECCO na semana? Todas essas e outras alternativas foram possíveis de serem implementadas mediante uma tentativa de gestão coletiva do desejo provocado pelos sonhos, a elaboração de montagens oníricas.

A Tenda do Sonho nasce como uma tentativa de, a despeito da queda de valor da experiência evidenciada por Benjamin (1987), fazer do vazio contemporâneo uma experiência. Nesta pesquisa, a partir da oniropolítica, há certa esperança de que a potência onírica poderia ser um trampolim para enlaçar este vazio de experiência em uma aposta de transmutar tal situação em uma experiência político-criativa. Neste sentido, como os sonhos podem se presentificar nesta árdua tarefa? As cenas oníricas são pensadas aqui como um pequeno *vagalumear*, afirmador de uma semi-escuridão, na qual se busca experiências transmitidas para além da realidade consagrada, em um além, como escreveu Didi-Huberman (2011), do exercício dos reinos e da luz das glórias, como um rascunhar caminhos

outros. Ao declarar, assim como o fez Benjamin, que o valor da experiência caiu de cotação, Didi-Huberman também nos convoca:

O valor da experiência caiu de cotação, mas cabe somente a nós, em cada situação particular, erguer essa queda à dignidade, à “nova beleza” de uma coreografia, de uma invenção de formas. Não assume a imagem, em sua própria fragilidade, em sua intermitência de vaga-lume, a mesma potência, cada vez que ela nos mostra sua capacidade de reaparecer, de sobreviver? (Didi-Huberman, 2011, p. 127).

Com base na bela imagem dos vaga-lumes que emergem, ainda que timidamente, com o apagar das luzes, aposta-se que os sonhos são potentes produções que se dão, muitas vezes, com o apagar dos olhos, em íntima articulação com o desejo, ou, em outros termos, com a produção desejante; portanto, com a vida e com aquilo que a produz. Inspirado no *vagalumear*, a proposta metodológica desta pesquisa pauta-se enquanto uma pesquisa de inspiração psicanalítica, benjaminiana e esquizoanalítica.

É importante ser dito que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e achou-se aprovada, tendo como número de referência do CAAE: 78926524.00000.5537. Para além disso, podemos destacar os seguintes operadores metodológicos e ético-políticos assumidos na prática da pesquisa: 1) a atenção flutuante (Freud, 2010a); e 2) o narrador sucateiro (Gagnebin, 2006).

A ética da escuta psicanalítica é um operador basilar para o que se propõe aqui. Kehl (2002, p.8) afirma que “a virada freudiana abalou profundamente algumas convicções a respeito das relações do homem com o Bem”, pois, ao reconhecer o inconsciente na ação humana, torna-se imperativo que os fundamentos éticos do laço social sejam repensados. Singularidade, desejo, sintoma e satisfação pulsional são variáveis que passam a adentrar no âmbito do “cálculo” ético. Apesar disso, “a psicanálise não veio repor, para o sujeito moderno, o lugar vazio do Outro” (Kehl, 2002, p.153), ditando as formas possíveis de estar no mundo, mas, antes, opera na direção de pôr o sujeito diante do enigma do desejo, o interroga para que se volte para si, enlaçado pelo laço social, e, assim, afirmar o sujeito do desejo. Para tanto, adota-se o método da atenção flutuante, caracterizado como a escuta

do psicanalista que não privilegia nenhum elemento do discurso, deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação (Roudinesco & Plon, 1998). Trata-se da escuta do “descartável” que acaba por oferecer espaço para a expressão do impensável. É na instância do detalhe e da insistência em se narrar a vida, associando infinitamente o discurso sobre si em relação ao Outro, que o sujeito pode estar às voltas do desejo.

Em harmonia com isso, adota-se a postura que se inclina para o resto, aquilo que escapa, como nos ensina o narrador sucateiro de Gagnebin (2006). Lidar com o pouco chamativo, despretenso, ordinário, fortuito e genuíno, aquilo que permanece numa relação e nos retira da mania categorizante pautada em enunciados preconcebidos. O narrador sucateiro volta-se para os acontecidos que não encontram endereçamento na história oficial, que acaba por abandoná-los ao esquecimento, e debruça-se sobre os restos e escombros ali produzidos, os quais portam a memória perene dos vencidos.

Seguindo tais preceitos, formou-se um grupo de contação de sonhos, composto por usuários, servidoras e voluntários do Centro de Convivência e Cultura de Natal/RN. A nomenclatura adotada para o método proposto diz da produção de uma Tenda do Sonho, tendo como inspiração três importantes cenas: 1) a Tenda do Conto (Gadelha, 2015); 2) os Objetos Relacionais de Lygia Clark (Wanderley, 2021); e 3) a montagem de Walter Benjamin (1987) e Huberman (2016).

A composição do grupo foi feita de forma vagarosa. O primeiro passo foi sentar junto à coordenadora do serviço, apresentar a ideia, ainda germinal, da Tenda do Sonho e solicitar autorização para frequentar as atividades do CECCO como um conviva, tendo a disponibilidade de, aos poucos, tornar-me conhecido pelos usuários e constituir terreno fértil e seguro para interrogar sobre os sonhos. Sendo assim, os contatos iniciais com o campo se deram a partir da participação nas oficinas grupais, nas quais aventurei-me a dançar, tocar percussão, jogar, brincar, cantar, festejar, tomar banho de mar (neste dia, até mesmo entrevista para o jornal de televisão local aconteceu, onde

nós falamos sobre a situação da conhecida Praia de Miami, que fica no bairro de Areia Preta, Natal/RN) e conversar com os demais convivas.

Havia um ponto desafiador neste processo: minha timidez fazia com que eu sempre chegasse com muita vergonha ao ambiente do CECCO. Antes de entrar, eu parava no estacionamento, olhava um pouco o celular, pensava numa demanda mais imediata, sentia o coração bater intensamente. Caminhava um pouco e me sentava na sombra de algum pé de árvore, buscava sentir a brisa leve que não cessava e tratava de me tranquilizar. Nesta hora, às vezes já chegava alguém para me cumprimentar e sentar-se ao meu lado, outra vez alguém mais efusivo que de longe gritava e vinha abraçar, noutra alguém mais quieto que se aproximava cautelosamente, como uma presença cuidadosa. Nestes casos, já ficávamos bastante tempo no lado externo do serviço observando a dinâmica das árvores, dos demais convivas e trocando ideias. Noutras situações, após despender certo tempo debaixo da árvore, entro no serviço ainda envergonhado, mas rapidamente alguém me puxa e convoca-me a fazer algo junto. Os encontros iniciais com o campo de pesquisa se definem pelo acolhimento afetuoso que recebi. O que tornou possível esta pesquisa foi a generosidade dos convivas.

Na minha primeira participação em atividade externa, fomos para uma conversa com alunos de Gestão Hospitalar da UFRN sobre a luta antimanicomial. O encontro se deu em uma sala da Escola de Saúde. Chego um pouco atrasado e já não há mais cadeiras disponíveis para sentar na roda, um conviva me reconhece de pronto, levanta-se, se dirige até mim e diz em meu ouvido: “vou pegar uma cadeira para você aqui”. Saio da sala logo após ele e sou recebido com um inesperado abraço. Busco a cadeira em sua companhia e, logo depois, voltamos para a roda. Ao sentar, veio-me desde uma vontade de chorar, até um desejo de seguir em sua companhia o quanto fosse possível. Este campo de pesquisa diz de um território existencial nutrido pelo cuidado.

Após certo tempo seguindo em convivência, comecei, pelos cantos, a perguntar aos convivas: “você costuma sonhar?” e as respostas mais frequentes eram: “sonho demais”, “eu sonho muito, mas

nunca lembro”, “eu não gosto de sonhar, porque meus sonhos são muitos pesadelos”, “eu sonho quase toda noite e me lembro, mas às vezes esqueço se não contar para ninguém”. Aliado a isso, fui também perguntando sobre o que achavam de criarmos um grupo dos sonhos para ouvirmos os sonhos uns dos outros. Aqueles que têm majoritariamente sonhos de angústia, não pareceram gostar muito da ideia, mas houve a aceitação pela grande maioria. Em dado momento, comecei a ser interrogado pelos usuários sobre quando começaria o grupo dos sonhos.

E, quando já estávamos bem perto de iniciar, logo após o mês de maio, caracterizado pelos eventos e a semana da luta antimanicomial em Natal, sofri uma nova lesão em meu joelho, cujo ligamento lateral foi rompido na minha adolescência. Nossa intenção era acompanhar a efervescência política trazida pela luta e ouvir o desaguar disso nos sonhos, contudo, não foi possível. Tive de ficar um mês imobilizado e pouco mais de dois meses com a mobilidade reduzida, até retornar ao CECCO no início de agosto. Retomo o campo preocupado sobre como estaria a vinculação com os convivas após a minha ausência física e descubro que ainda havia afeto e memória sobre os meses anteriores, bem como das pactuações sobre a formação de um grupo de sonhos.

Gentilmente, a equipe me disponibilizou as tardes de quinta-feira para a realização do grupo e se dispuseram prontamente para participar, possibilitar e conduzir o grupo comigo. Assim, na metade final de agosto, veiculamos os convites para a participação do grupo na Rádio Bilola² e nas conversas do dia-a-dia. O convite foi: “fique à vontade para participar do grupo dos sonhos que acontecerá nas quintas-feiras das 14h às 16h, traga algum objeto que te faça lembrar de um sonho seu”. Com base nisso, tivemos uma adesão espontânea. Pela dinâmica do serviço, o grupo permaneceu aberto para a entrada e saída de participantes, tendo seu número de presentes variando entre 6 e 11 pessoas, incluindo convivas, servidoras, voluntários, estudantes e estagiários. Ao todo, realizamos 09 encontros da Tenda do Sonho.

² Grupo de Whatsapp criado durante a pandemia como estratégia para manter o funcionamento do coletivo apesar das limitações impostas pelo Covid-19. Nele, o CECCO encontrou uma funcionalidade virtual com diversas atividades.

Voltando para termos conceituais, vale articular o método da Tenda do Sonho com suas cenas de inspiração. Por primeiro, a Tenda do Conto, criada por Jaqueline Gadelha (2015). Ela caracteriza-se como uma metodologia participativa, uma prática integrativa de cuidado em saúde na qual o processo de narrar-se possibilita a formação de um grupo (Barros, 2013). Conforme Gadelha (2015), a Tenda do Conto pauta-se pela primazia da autonomia do narrador que conta com o auxílio de objetos para a composição de sua fala. O método é pensado originalmente como tendo a narrativa biográfica dos usuários como alvo, todavia, assumiu-se a tentativa de articulá-lo com o discurso onírico e suas consequências no campo político-coletivo.

A Tenda do Conto concebe-se sem grande complexidade. Forma-se algo análogo a uma sala com assentos em formato circular. Os objetos trazidos são postos em cima de uma mesa que se encontra coberta com um tecido colorido. Cada participante pode seguir sua narrativa livremente associando a partir de suas histórias e da partilha dos demais. Neste sentido, há uma importante interação com a narrativa do outro que se imprime em cada membro do grupo, produzindo afetações, as quais, por vezes, carregam a potência que reside nos usuários de saúde mental para inventarem-se a si mesmos a despeito dos vorazes estigmas sociais. A escuta, a vinculação e a autonomia são elementos centrais na promoção do cuidado, sendo partes do mecanismo terapêutico desta metodologia.

Cada participante implica-se com seu objeto de desejo revestido pela afirmação da palavra, de maneira que os afetos ganham contorno simbólico e circulam entre os participantes. O convite para participar da Tenda do Conto consiste em: “traga consigo um objeto que carrega afetos seus, marcante em sua experiência de vida”. Na nossa configuração, a escolha do objeto se deu baseada nas imagens oníricas produzidas por cada sujeito. A partir disso, os participantes mobilizam ferramentas éticas, estéticas e políticas para eleger o que trarão consigo.

Na tentativa de produzir um ancoradouro para o uso dos objetos na metodologia da Tenda do Sonho, refletimos a partir do trabalho realizado pelo psiquiatra Lula Wanderley (2021), com a obra

de Lygia Clark, no Instituto Municipal Nise da Silveira, no qual ocorre o uso dos Objetos Relacionais de Clark para o tratamento terapêutico da psicose. A obra "Objetos Relacionais" foi proposta em 1966 por Lygia e, na década de 90, passou a integrar as propostas terapêuticas de pacientes portadores de esquizofrenia que frequentavam o Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro, através de Wanderley (2002). Mediante a colocação do corpo e dos afetos do público no lugar da obra de arte, a artista possibilita a descoberta de novas experiências sensoriais realizadas com elementos do cotidiano, como sacos, almofadas, etc (Rolnik, 2002).

Os Objetos Relacionais são uma produção artística (Wanderley, 2021) e, como tal, carregam a sublimação criadora da arte que faz laço no campo social permitindo a construção de uma metáfora delirante que viabiliza a estabilização da psicose (Guerra, 2010) corroborando com a metodologia terapêutica 'Estruturação do Self' de autoria da Lygia Clark.

Neusa Santos Souza (2023), em sua obra "A Psicose", nos dirá, ecoando a tradição psicanalítica, que "a realidade psíquica é a do sujeito dividido" (p. 80), essencialmente na estrutura neurótica, mas precariamente na estrutura psicótica. Especialmente nesse campo, a autora afirma que a fronteira entre palavra e coisa se acha rompida, "tudo se mistura, se interpenetra, se encaixa. Vozes, ruídos, palavras invadem o corpo" (p. 48). Trata-se da experiência da fragmentação vivida na carne, sendo incapaz de ser suplantada pela imaginária ilusão de plenitude e unidade do corpo. Neste cenário, o trabalho com objetos ganha possível destaque.

Esses objetos são chamados relacionais porque se formam apenas mediante o encontro com o corpo e afeto dos sujeitos, resultando em plurais produções de sentido de acordo com cada encontro (Wanderley, 2002). Os Objetos Relacionais são feitos de uma materialidade frágil, que recebe seu sentido apenas em relação (Rolnik, 2002), funciona como um espaço de intermédio entre o suposto "dentro" e "fora", são uma extensão corpórea que permite o viver criativo.

Na perspectiva de Wanderley (2021), os Objetos Relacionais trazem de volta o corpo à consciência de si e produzem contornos simbólicos em corpos onde antes não havia ancoradouro em

bordas. A partir disso, o autor incentiva os relatos delirantes de seus pacientes durante as sessões e defende que os Objetos Relacionais ganham um significado dentro dos corpos, reestruturando a ordem interna deles e ajudando a construir uma certa estabilização.

Nesta pesquisa, assumimos o uso dos Objetos Relacionais para a sustentação do discurso narrativo elaborado por cada um dos participantes da Tenda do Sonho e para a composição de uma sensação corpórea de integridade, haja vista o caráter fragmentado da estruturação psíquica da psicose e da neurose, posições subjetivas destacadas por estarem presentes no grupo. Quando tratamos dos sonhos, falamos de uma inscrição do real carente de mediações para ser narrada, experienciada, o que nos leva a pensar na companhia dos objetos como um facilitador do processo, um suporte relacional para o acesso às cenas oníricas. Sendo assim, cada participante estabelece uma relação própria com o seu objeto, uma vez que o escolhemos no início de cada encontro e vivenciamos todo o andamento do grupo estando com ele junto ao corpo.

Como último recurso de inspiração para a proposição da Tenda do Sonho e para a análise narrativa dos encontros, lançamos uso do conceito benjaminiano, trabalhado por Georges Didi-Huberman, de montagem. Há uma compreensão da montagem enquanto “método e forma de conhecimento” (Huberman, 2017, p. 132). Na concepção do autor, a montagem coloca as coisas em relação ao agrupar formas heterogêneas ignorando ordens hierárquicas. Essa relação entre imagens³ não diz de uma simples equivalência ou oposição, mas de uma disposição para se lançar à “diversidade das coisas” (Huberman, 2018, p. 159).

A montagem implica uma “dialética do montador (...) separando e depois rejuntando seus elementos no ponto de sua mais improvável relação” (Huberman, 2017, p. 141). Em nossa Tenda do Sonho, todos os participantes são montadores, uma vez que confeccionamos uma imagem que aglutina as diversas relações apontadas entre as cenas oníricas narradas no coletivo, por vezes,

³ Chamam-se imagens as representações que temos das coisas, não se referindo exclusivamente a produções visuais disponibilizadas em mídias.

expressa em colagens, feitas em cartolinas, outras em narrativas orais e escritas. O entendimento da montagem privilegia a disposição das diferenças (Huberman, 2020), constituindo-se como uma ferramenta capaz de preservar as imbricações e ressaltar as sobreposições entre os elementos. Trata-se de “pôr o múltiplo em movimento, de não isolar nada, de fazer surgir os hiatos e as analogias, as indeterminações e as sobredeterminações em jogo nas imagens” (p. 173).

Há também um valor político no uso da montagem, uma vez que há um convite expresso para analisar as imagens expostas e, diante disso, tomar uma posição face ao material apresentado. Mostrar seus sonhos, dar a ver seus pensamentos, é um ato que abre sentidos tanto para o sujeito que narra, quanto para o sujeito que escuta, fazendo destes “um montador potencial capaz de desenvolver, sobre as imagens que ele contempla, sua própria ‘leitura pessoal’” (Huberman, 2018, p. 138). Assim, modificam-se as respectivas posições das coisas, dos discursos, das imagens.

Os sonhos, muitas vezes, nos conduzem a caminhos sem muito pudor. Violência explícita, sexo voraz, intimidade desnudada, coisas que nos levam a abafar seu conteúdo. Todavia, diferente de abordagens que preferem a censura de determinadas imagens, a montagem nos conduz a “uma verdadeira crítica da violência conduzida através das ‘imagens do mundo’” (Huberman, 2018, p. 104), de modo a contestar cenários cristalizados com novas produções imagéticas que liberam a potência de olhar. Destarte, torna-se evidente a implicação ética e política latente no ato de montar imagens.

O paradigma da montagem também nos guia de maneira importante no processo de escrita e análise da pesquisa. Nas palavras de Campesato, Rodrigues e Schuler (2022),

[...] quando se realiza uma aproximação de palavras, no campo do escrever e do ler [...], esse arranjo de ideias - que por vezes não estariam juntas sem esse processo de montagem -, pode ser considerado um ato de criação, um ofício de bricoleurs. Pode-se dizer que o ato de escrever é ocupar-se da montagem de palavras, pois, trabalhamos a todo momento com fragmentos de outros textos e autores, que recortamos e colamos, o que exige certo recolhimento e certo colecionar. (p. 15-16)

Esse fragmento nos conclama ao desenvolvimento da escrita como montagem. A relação entre o pesquisador e suas referências concebe-se como um garimpo de autores e suas citações, uma forma de montar o pensamento com a escrita. Löwy (2005), tratando do método benjaminiano de citação,

nos diz que ele “consiste em retirar do autor seu texto como um ladrão que age nas estradas e se apropria das jóias de um rico viajante” (p. 58). Assim, monta-se, a partir de fragmentos de outras obras, uma escrita.

O vigor da montagem para a construção de conhecimento foi explorado nesta pesquisa através do recolhimento dos restos oníricos partilhados numa grupalidade. Instigados por alguns questionamentos e convites, os participantes foram convidados a buscar, reunir, juntar e mostrar imagens-objetos-palavras que associavam com o fenômeno do sonho, discutindo sobre o tema a partir das montagens construídas. Isso resultou em diversas discussões sobre temas como: defesa da floresta, enfrentamento à violência de gênero, afirmação e defesa da RAPS e sexualidade, todos amparados na produção coletiva de montagens.

Em Benjamin (1987), é dito que: “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 198), o que nos conduz à afirmação das narrativas oníricas como articuladoras do desejo, fluindo em atos inventivos lançados ao mundo como arte e cultura. A narrativa resguarda em si uma potência além do mero olhar e, em nosso caso, ao se tratar da narrativa dos vencidos, dos loucos cotidianamente silenciados, negligenciados e marginalizados, temos um método que sustenta-se na resistência, na contramão ético-política do lugar destinado historicamente pela sociedade aos loucos. Uma montagem-resistência que andarilha pelos sonhos à contrapelo.

Reserva-se à loucura e aos loucos o lugar da inutilidade, o lugar do afastamento do convívio social para não gerar danos que impactem em sua produtividade. É uma população tradicionalmente excluída e deslegitimada em suas práticas discursivas. Em decorrência disso, o trabalho narrativo com esta população não pode furtar-se do seu lugar enquanto resistência, enquanto afirmação de um modo de vida que subverte o *script* premoldado da loucura. Assim, pensa-se a metodologia da Tenda do Sonho como uma montagem-resistência de partida, dado que pauta-se pela narração dos vencidos sendo lido de maneira interrogante em relação ao lugar hegemônico determinado *a priori* pelos vencedores, uma reinvenção da história a partir das aberturas trazidas pelo campo onírico.

Por fim, como dispositivo para o registro dos encontros da Tenda do Sonho, bem como das implicações suscitadas durante o processo de pesquisa na interação campo e pesquisador, optou-se pelo uso intensivo do diário de campo. O diário de campo é uma consagrada estratégia metodológica concebida no seio da antropologia clássica, sendo utilizada por figuras como Malinowski, mas que, em virtude disso, carrega em sua versão tradicional os pressupostos da cultura que a criou, a saber, a Europa do século XIX e início do século XX. Neste sentido, há, na forma da antropologia clássica de lidar com os diários, um atravessamento racial e cultural que coloca o pesquisador branco europeu em uma posição de autonomia e hegemonia para se sobrepor às demais culturas, investigando-as e tornando-as conhecíveis. Nosso intento de trabalho com o diário de campo não se remete somente a este referencial clássico, mas busca inspirar-se em outras produções como a escrita de si do Michel Foucault, os diários cartográficos de Deleuze e Guattari, as escritas de Conceição Evaristo, a escrita militante da Cecília Coimbra e os diários clínicos de Sándor Ferenczi. Apesar dessas considerações, seguimos a nomeação típica de diário de campo, mas fazendo dele um campo para o registro afetivo das implicações que borbulham na imersão com o campo de pesquisa. Além disso, Malinowski, mesmo com este atravessamento eurocentrado em sua obra, inspirou a Análise Institucional em seu conceito de diário de campo e de análise de implicação, pois após anos de sua morte, veio à tona um lado de sua pesquisa que não compareceu em suas publicações em vida. No caso, foram publicados seus diários de campo nos quais apareciam suas impressões mais íntimas de seu convívio com a cultura e comunidade que etnografava, sendo ali mostrado suas análises de implicação, o jogo no qual estava envolvido e atravessado a partir do momento que carregava consigo a cultura europeia e suas instituições em contraste com aquilo que experienciou, enquanto antropólogo, na cultura e modos de vida da comunidade que estava etnografando (Altoé, 2004).

4. O SONHO E O SONHAR COMO MAQUINARIA POLÍTICA EM RESISTÊNCIA AO CAPITALISMO

4.1 Sonhos como Resto – um Mergulhar nas Cinzas

O estigma da loucura e as práticas manicomiais usurpam a dignidade humana e ferem a autonomia do sujeito (Bussinguer e Arantes, 2016). Usuários da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) possuem um lastro biográfico que diz de múltiplas internações compulsórias, violações autorizadas sob a alcunha de “ah, é só um louco, uma louca”. São sujeitos de direitos que possuem sua cidadania suspensa pelo não acesso ao dinheiro e a não inscrição nos ritos da normalidade. Trata-se de uma população que possui o fluxo de seu desejo interditado, pois carregam um corpo vulnerabilizado em decorrência da ação das forças de segurança, do olhar recriminatório da população, das problemáticas estruturais de raça, classe e gênero que, por vezes, eclodem em questões familiares. São, no dizer de Butler (2019), vidas precárias, pois a vulnerabilidade, inerente à condição humana, encontra-se distribuída desigualmente, o que faz com que algumas populações estejam mais suscetíveis à violência arbitrária.

A tensão instaurada pelo cenário dramático mencionado anteriormente evoca as clássicas situações oníricas do sujeito que precisa correr para fugir do perigo, porém, não encontra resposta em suas pernas. Apesar disso, a paralisia pode elucidar ao sonhador os contornos do perigo que o ameaça. O trauma se estabelece especialmente quando a linguagem é excluída do campo de batalha, quando a força do pensamento, do desejo e da crítica são alvo de uma tentativa de obliteração, criando um horizonte de violência. Esse é um desafio que nos é colocado. Somos seduzidos pela falsa e narcísica harmonia possibilitada pelo esquecimento da história, que nos retira do protagonismo da história e do nosso papel enquanto sujeitos. Entretanto, há a importante função de avisar acerca do incêndio que está prestes a iniciar, transformando o fogo em cura.

Esta questão é central no início da *magnum opus* de Freud (2019). Emerge na clássica imagem: “Pai, não vês que estou queimando?”. O pai acorda assustado com a possibilidade de agir rapidamente

e apagar o fogo provocado pela vela caída sobre o corpo do filho que era velado na sala vizinha ao seu quarto.

Apesar das interdições direcionadas aos usuários da saúde mental, o fluxo de desejo dessas pessoas inventa-se em meio à fragilidade e precariedade que lhes é imposta, como as cinzas pós-fogo hábeis para cicatrizar e criar o novo. Deleuze e Guattari (2010) nos contam que o desejo é portador da invenção, capaz de subverter as duras linhas institucionais e produzir desvios, furos que afirmam a subjetivação do sujeito e potencializam a vida. É disso que tenho sido testemunha no CECCO. A cada encontro, sou tomado pela força inventiva das ações dos usuários que me acolhem e me são generosos; o CECCO pulsa com seus ritmos, danças, produções artísticas, mobilizações políticas. Certo dia, chego pela manhã e decido sentar-me no chão, vou imergindo no ambiente e, diante de mim, um coletivo se anuncia com seus instrumentos de percussão que vibram todo o lugar; ao fundo, ouço o som de Djavan que toca enquanto o espaço está revestido de cores, andanças e burburinhos de conversas. Um usuário se dirige até mim e diz: “se levante para eu te dar um abraço. Bom dia!”. Conforme o *thaumazein* aristotélico, me assombra vislumbrar a força de vida que se impõe frente a duros sofrimentos. Não se trata de uma romantização do sofrimento, mas de uma afirmação da vida.

O sonho, por estar intimamente vinculado ao desejo, detém um potencial análogo. Composto de restos (diurnos), tralhas, detritos e fragmentos que passam despercebidos, os sonhos criam uma realidade não instituída, não prescrita, inventiva, a partir do que é tido como descartável. Didi-Huberman (2011) afirma que, para Benjamin, os despojos de guerra não portam somente o sintoma da barbárie e da ignorância, mas também a memória que persiste, o todo das coisas. Os trapos dos derrotados sobre os quais o historiador a contrapelo revolve, conta, decifra, dorme, sonha e desperta.

É fundamental o trabalho de produção de imagens disparadoras de novos movimentos, como ocorre no sonho em que o pai desperta; e no sonho descrito no início do trabalho, em que me encontro em coletivo e, como coletivo, resistimos à violência. Georges Didi-Huberman (2011), no seu ensaio sobre Pier Paolo Pasolini, evocando o já citado desaparecimento dos vagalumes, afirma: “a imagem

seria o clarão que passa e atravessa, como um cometa, a imobilidade de todo horizonte” (p. 101). Certamente, não é qualquer imagem que resguarda esta potência. Walter Benjamin (2013) nomeava determinadas imagens como imagens dialéticas, as quais poderiam desvelar o acontecimento, servindo como um instrumento óptico que viabiliza a visão em meio a fumaça. O que nos resta após a chegada, em grande parte das vezes, inevitável das chamas? Entrar nos escombros e recolher as cinzas que, por sua vez, portam uma “frágil força messiânica” (Santana, 2018).

O cenário que se nos apresenta configura-se pelo desafio de imiscuir-se entre o minúsculo e encontrar o quase invisível, germe de uma mobilização que nos faça reconstituir o cenário com todos os figurantes que compõem a história, não apenas os heróis elegidos imperialmente. Carecemos do desenvolvimento de metodologias que nos permitam adentrar no cenário das chamas, do incêndio, construindo imagens dialéticas que nos orientem em nosso percurso. Uma das apostas subsidiadas aqui é da produção de imagens oníricas que ocupem esse lugar.

O trabalho onírico aparece como um tipo de aviso de incêndio, no sentido atribuído por Walter Benjamin (1988): “é preciso cortar a mecha que queima antes que a faísca chegue na dinamite” (p. 193). A criação onírica indica a possibilidade de um destino distinto da explosão mortífera.

Por vezes, o fogo chega de forma quase inevitável; todavia, o pior cenário se dá mediante a incapacidade de recolhermos as cinzas. Há inúmeros mecanismos psíquicos e sociais que barram a reorganização das cinzas; a organização do pessimismo, como diria Benjamin (2006), porém, trata-se de um caminho promissor para criar furos diante da violência que nos paralisa.

Walter Benjamin (2006) é categórico ao afirmar que organizar o pessimismo diz da descoberta de um espaço de imagens no campo da conduta política. Refere-se à crucial resistência diante de uma tirania da imaginação que inviabiliza sonhar futuros possíveis. Com Benjamin e Pasolini, Didi-Huberman (2011) afirma que “em nosso modo de imaginar jaz fundamentalmente uma condição para nosso modo de fazer política. A imaginação é política, eis o que precisa ser levado em consideração” (pp. 60-61). O caminho para adicionar a potência de sonhar em atividades cotidianas e, assim, “fazer

política", não está dado. Todavia, narrar e testemunhar ao mundo nossas criações oníricas é tarefa significativa. Charlotte Beradt (2017) cumpriu esta tarefa. A coletânea de sonhos recolhida por ela entre 1933 e 1939 testemunha os horrores do totalitarismo que perseguiu centenas de pessoas durante dia e noite. Conforme Didi-Huberman (2011), este trabalho é um documento psíquico do totalitarismo, do terror político, “um sismógrafo íntimo da história política do III Reich” (p. 117). Essa é uma indicação preciosa que funcionou como inspiração para o presente trabalho. É a tomada das cinzas para reagir à catástrofe.

O fogo não cessa de portar sua ambiguidade, vida e morte conjugadas neste elemento constituinte do funcionamento de todo o planeta. Reunir as cinzas e escutar nossos mortos é, diversas vezes, a chance que se apresenta para sujeitos violados em seus direitos, precarizados pela institucionalidade e pelas omissões e violências operadas pelo Estado e pela sociedade. No decorrer, sofreremos juntos e compartilharemos nossos sonhos de angústia, de desejo, de futuro, de vida, de morte. Ali, com aqueles a quem o direito de dizer de si, de ser cidadão, de ser visto como gente é sistematicamente negado.

4.2 O Sonho na Cidade Pós-Industrial: “Não Há Tempo para Sonhar”

Em suas cidades não é possível conhecer as coisas do sonho.

Seu olhar está preso no que os cerca:
as mercadorias, a televisão e o dinheiro.

(Kopenawa, 2017, p. 437-438)

A sociedade pós-industrial é marcada pela ascensão dos serviços e o declínio das atividades industriais. Nela, ganham projeção a ciência e a técnica, conforme nos diz Bell (1974): “Na medida em que o conhecimento e a tecnologia se transformaram no recurso central da sociedade, tornam-se inevitáveis certas decisões políticas” (p. 299). Nossas vidas na cidade passam a ser orientadas pelas

incessantes demandas de inovação e desenvolvimento. O Produto Interno Bruto (PIB) precisa crescer, o câmbio tem de equilibrar-se e o mercado deve estar satisfeito, o qual agora conta com variações de humor e, no caso, costuma estar mal-humorado. Novas tecnologias precisam ser desenvolvidas.

Historicamente, a cidade é moldada de acordo com condições econômicas externas a ela. Mesmo as pessoas mais desatentas percebem as mudanças que ocorrem no espaço urbano. Basta uma simples conversa com familiares de duas (ou mesmo uma) gerações anteriores para evidenciar que a cidade foi remodelada, substituída por formas esterilizadas, distanciadas e individualizadas. As grandes redes de supermercados multinacionais e os shoppings centers, que são os mesmos em Natal, São Paulo ou Dubai, dominam o ambiente. A organização citadina pertence às grandes corporações que, boa parte das vezes, sequer são nacionais.

Nesse contexto, a pessoa que mora na cidade se torna alguém que, necessariamente, consome e é orientada pelo consumo. Sem dinheiro, até a cidadania de quem habita os espaços da cidade passa a ser contestada. Não há acesso à moradia e alimento sem a intermediação da moeda vigente, é o que nomeia-se no ocidente como “democracia liberal”. Assim, vive-se numa intensa corrida pelo dinheiro. Orientamos nossa educação escolar e nosso fazer laboral, os quais representam quase a totalidade de nosso tempo de vida, para o propósito de gerar renda e lucro. O sujeito urbano é o sujeito da correria imposta pelo ritmo de um mundo pós-industrial globalizado, conectado a Pequim e Nova York, porém, distante de seu vizinho, imerso em seu pequeno universo caótico. E não apenas os grandes conglomerados urbanos vivenciam isso, mas as cidades interioranas também são permeadas por este fluxo capitalístico.

Olhar para o tipo de cidade que está sendo sustentada no século XXI remete-nos ao diagnóstico benjaminiano acerca da queda da experiência. Ao olhar para a modernidade e o apogeu das cidades industriais, Benjamin (1987) nos dirá, com especial acurácia, que “a experiência caiu de cotação” (p. 124). Essa experiência da qual nos conta Benjamin é o próprio sumo da vida cotidiana, é a vinculação umbilical de cada sujeito à história e à sociedade na qual se é e era. É a potência de narrar, de conviver

e de desmerecer a tendência solipsista de fechar-se “dominando” seu tempo e sua história. Em seu texto “Experiência e Pobreza”, o autor nos surpreende com a cena de um leito de morte. O pai, em seu último suspiro, revela a seus filhos a existência de um tesouro oculto em seus vinhedos. Os filhos se apressam em desenterrá-lo, porém, nada encontram. Apesar disso, chegado o outono, as vinhas produzem em abundância; o pai havia lhes transmitido certa experiência: “a felicidade não está no ouro, mas no trabalho duro” (Benjamin, 1987, p. 123)

Quem, ainda, encontra pessoas que saibam narrar e transmitir experiência? Nós, sobreviventes da maior pandemia do século, narramos o vivido enquanto estávamos acometidos pela brutalidade do COVID-19? E após? Que endereçamento damos ao que nos aconteceu? Onde estão as memórias dos mortos? Os fragmentos de suas experiências? Fato é que, por bem pouco, não estamos novamente sob a governança daqueles que conduziram nosso país para mais de 700 mil mortes pelo COVID. Comícios, passeatas e marchas seguem sendo feitas por aqueles que escarneceram de nossa população.

As eleições municipais de 2024, por exemplo, evidenciaram a força avassaladora que as direitas, sobretudo a extrema direita, representam no momento de nosso país, onde, na nossa maior cidade (São Paulo), que deu vitória ao Lula em 2022, pôde concorrer em chapa dupla, uma levando o dito “bolsonarismo moderado” e outra com o mais tresloucado dos bolsonarismos. Por uma margem minúscula, a eleição municipal na grande metrópole brasileira não foi decidida entre pares bolsonaristas.

Em novembro de 2024, ocorreu o indiciamento do inelegível ex-presidente e de outros tantos golpistas, o que pode dizer da chegada em uma encruzilhada para a democracia brasileira: finalmente puniremos os golpistas que nunca deixaram de existir no alto comando das forças armadas? Entretanto, na mesma semana, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados aprova a “PEC do aborto” e encaminha-a para os desígnios do todo poderoso Arthur Lira (então Presidente da Câmara dos Deputados), que pode colocá-la em plenário. Essa PEC altera a constituição

adicionando as palavras “desde a concepção” ao trecho constitucional sobre a dignidade humana, o que, na prática, representa a abolição dos abortos já tidos como legais (que também não vêm sendo muito respeitados pelo país afora). Como se não bastasse o enredo do horror, o proponente original da PEC é o Eduardo Cunha, presidente da câmara na ocasião do golpe de 2016, que ganhou um enredo político para conquistar seu retorno a Brasília em 2026. O bolsonarismo, faceta brasileira do fascismo crescente no mundo, é uma força política incontornável para a década de 20 do século XXI.

Essa realidade nos inquieta, apavora e conduz a questionar: o que estamos fazendo com nossas histórias? Tal qual os combatentes que voltavam silenciosos das grandes guerras, será que nos encontramos mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos? Isso tem algo a ver com a produção dos fascismos?

No primeiro encontro da Tenda do Sonho, fomos conduzidos por um participante a uma reflexão interessantíssima que nos ajuda a elaborar tais questões: “não há tempo para sonhar”. Estava eu apreensivo para a realização do primeiro encontro, não sabia como seria a recepção de todos e nem se os sonhos formariam uma liga suficiente para vincular o grupo. Essa apreensão se dissipou parcialmente enquanto pegávamos os objetos e uma das servidoras trouxe consigo um relógio de mesa, que cai no chão fazendo um barulho que convoca a atenção de todos. Olhamos, demos risada e iniciamos o grupo, aquele momento fora crucial para o que se seguiu naquele dia.

Durante a construção de nossa narrativa onírica, uma usuária pegou o relógio e o guardou até a hora em que pôde falar: “eu escolhi o relógio, porque sinto que não há tempo para sonhar. Eu queria sonhar mais, já sonhei muito, mas hoje não dá mais tempo.” Ela o disse aos prantos com lágrimas escorrendo por seu rosto. Parece que ali não se dizia apenas da ausência e lembrança dos nossos devaneios noturnos que nos levam a muitos lugares, mas também dos desejos interditados que parecem sepultados pelas violências institucionais. Tais coisas não se encontram jamais disjuntadas. A partir disso, o grupo se inclinou para afirmar o que estava sendo dito e evidenciar que, de fato, é

muito difícil sonhar e lembrar dos sonhos. Ainda mais difícil é contá-los, pois “o que a gente faz com nossos sonhos, para que eles servem?” (participante da Tenda do Sonho, 2024).⁴

Neste momento, um outro usuário vai dedilhando baixinho com o seu violão a música “Oração ao Tempo”, de Caetano Veloso, e sussurra: “tempo, tempo, tempo, tempo, vou te fazer um pedido...”. Parece que nossa relação com o tempo está sendo colocada em questão, pois logo no primeiro encontro da Tenda do Sonho somos levados a pensar os tempos da nossa vida, os ritmos vividos e os espaços, se é que existem, para sonhar.

O grande desenvolvimento da técnica alterou nossas relações e a pobreza da experiência recaiu sobre nós. Estamos, definitivamente, cansados, como nos diz Han (2017). A vida na cidade hodierna cansa, cansa e cansa. É Benjamin (1987) quem dirá que “abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano [...] para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (p. 128) e, na corrida pelo atual, somos sacrificados pelos imperativos de produção, lucro e consumo. Parece que pouco nos resta para desejar, historiar e narrar; mas é dos restos que se faz turbilhão, é da fagulha que nasce o fogo.

A quem se destina a tarefa de narrar e ouvir os sonhos? Creio que existam aqueles insatisfeitos com a materialidade posta e cristalizada. Sendo assim, faço um convite ao grupo em nosso primeiro encontro: “o que vocês acham de tentarmos fazer dos nossos encontros um lugar onde há tempo para sonhar?” e um outro usuário responde: “é isso mesmo, a gente tem que sonhar, eu mesmo gosto de falar dos sonhos que tive, e muitos deles viram realidade depois, eu quero falar principalmente dos meus sonhos realizados”. Aqui, nosso primeiro encontro ganha uma outra tendência, a despeito de que vivamos sob o imperativo da queda da experiência e das opressões capitalistas, havemos de resistir. O grupo se organiza para acolher a angústia relatada sobre a impossibilidade dos sonhos,

⁴ Os participantes, via de regra, não serão identificados sequer com pseudônimos, pois havia flutuações constantes entre os presentes.

direcionam falas específicas para a participante que primeiro compartilhou seu sofrimento com a ausência de sonhos, e ressaltam que “ainda tem tempo, sim”.

Na cidade pós-industrial, os sonhos são relegados a um não-lugar, como afirma Viveiros de Castro (2015), corroborando com a tese levantada no primeiro encontro da Tenda do Sonho: “a desvalorização epistêmica do sonho por parte dos Brancos vai de par com sua autofascinação solipsista” (p. 37). Não se narra a vida, não se narram sonhos. Vive-se numa dada autofascinação solipsista que encerra possibilidades de abertura para com o mundo. Vive-se em si mesmo. Nossos sonhos, lugar de testemunho vivo do mundo, logo são esquecidos no imediatismo da rotina. Kopenawa e Albert (2015) nos dizem que “na barulheira de suas cidades, os brancos não sabem mais sonhar com os espíritos” (p.426) e são incisivos ao diagnosticar que “os brancos não sonham tão longe quanto nós” (p. 390). A potência do sonho e do sonhar é marginalizada, despotencializada de seu papel aglutinador entre desejo e mundo.

Diante disso que se nomeia dentro do campo consagrado das ciências como “problema de pesquisa”, a proposta da Tenda do Sonho visa operar como resistência à desvalorização do sonhar, sendo a afirmação de um endereço para a criação, rememoração e partilha de narrativas oníricas. Assim, tentamos produzir pequenas fissuras seguindo fluxos de desejos construídos pelo sonhar que ia sendo partilhado semanalmente. Para tanto, nos referenciamos a partir de diferentes matizes epistemológicos no intuito de assimilar uma visão rica e ampla sobre o conceito de sonho.

4.3 Ampliando Fronteiras sobre o Sonho e o Sonhar

Nós, xamãs, como eu disse,
sonhamos com tudo aquilo que queremos conhecer.

(Kopenawa e Albert, 2015, p. 371)

Sonhos nos mobilizam e integram o nosso universo simbólico. Sonhar carrega consigo a estranha intuição de estarmos lidando com algo que é real ao mesmo tempo que não o é. Muito embora possamos fazer coro com Bergson (2004), conclamando que “o sonho é a vida mental inteira” (p. 106), não encontramos, na cultura urbana, muitos espaços para o endereçamento dos sonhos. Afinal, despertamos em silêncio e tão logo tomamos a condução para o ambiente de trabalho, no qual somos fartos de demandas.

O que há no sonho? Será que não há absolutamente nada no sonho? Ou uma certa matéria sensível? Bergson (2004) diz que “as sensações que nos servem de matéria [para o sonho] são vagas e indeterminadas, mas é a lembrança que imprimirá sua decisão à indecisão da matéria” (p. 96). Freud (2019) também nos dirá que os sonhos são um produto duplo dos restos diurnos e dos conteúdos inconscientes oriundos da infância, tendo neste último o seu fiador. Ambos autores afirmam: o que há no sonho é a história. A qual não diz meramente do indivíduo, mas de todo o mundo, uma vez que tais coisas não se concebem apartadas.

Uma outra interessante percepção bergsoniana acerca do sonho é a de encará-lo enquanto a atuação das mesmas faculdades da vigília, porém, relaxadas:

[...] as mesmas faculdades se exercem, seja em vigília seja em sonho, mas elas estão tensas em um caso e relaxadas no outro. O sonho é a vida mental inteira, menos o esforço de concentração. Ainda percebemos, ainda lembramos, ainda raciocinamos: percepções, lembranças e raciocínios podem abundar no sonhador, porque abundância, no domínio do espírito, não significa esforço. O que exige esforço é a precisão do ajuste. (Bergson, 1901/2004, p. 106).

O filósofo francês nos aponta uma direção curiosa que parece tratar o sonho como uma desaceleração ou descontração do fluxo da vida, uma suspensão da precisão do ajuste. Tal concepção promulga a visão do sonho como produto de nossa vida mental inteira, porém, sob um outro estado, o do relaxamento. Assim sendo, Bergson nos fornece material para pensarmos o sonho enquanto uma outra forma de acesso ao mundo, capaz de tatear direções distintas da vida em vigília, permitindo o vislumbre de outros horizontes. Soma-se a isso duas importantes descobertas provenientes dos

trabalhos de Freud (2019): 1) os sonhos são a via régia de acesso ao conhecimento do inconsciente na vida mental; e 2) há um fundamento pulsional nos sonhos. Tratem-se delas a seguir.

Freud (2019) postula acerca do sonho que “seu conteúdo é, portanto, uma realização de desejo; sua motivação é um desejo” (p. 152). E, logo em seguida, incrementa sua definição ao se deparar com pesadelos e sonhos angustiantes que pareciam desmentir sua afirmação anterior. Reformula-a dizendo: “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, reprimido)” (p.195). Aqui jaz a abertura do sonho enquanto uma via privilegiada de acesso ao inconsciente. Como diriam Dunker *et al.* (2021), inicia-se o primeiro século da Psicanálise. Atrelado ao desenvolvimento do estudo dos sonhos, Freud irá metamorfosear sua compreensão acerca da economia psíquica, partindo de uma divisão das pulsões entre pulsões do ego (relacionadas à autoconservação) e pulsões sexuais (relacionadas à manutenção da espécie) para uma proposição entre pulsão de morte (caracterizada pela descatexização) e pulsão de vida (caracterizada pelo investimento e a unificação). Tal problemática nos é exposta especialmente nos textos “Pulsões e seus destinos” (2010b) e “Além do princípio do prazer” (1920/2013).

Freud pensava que, além de causalidades como restos diurnos, impressões sensoriais, etc., haveria uma causalidade pulsional no sonho, à qual interpretada, constituiria o caminho para o inconsciente na clínica, prestando-se a uma função analítica. A interpretação do sonho desnuda o inconsciente a partir da interrogação do desejo, o qual, por sua vez, é sempre concebido no e para o laço social.

Com o prolífico texto “Um só ou vários lobos?”, Deleuze e Guattari (1996) tecem uma valiosa crítica à leitura de Freud do paradigmático caso do “Homem dos Lobos” (2013). Nele, há um importante sonho:

Sonhei que era noite e que estou deitado em minha cama (ela ficava com os pés para a janela, diante da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando sonhei, e que era noite). De repente a janela se abre sozinha, e vejo, com grande pavor, que na grande nogueira diante da janela estão sentados alguns lobos brancos. Eram seis ou sete. Os lobos eram inteiramente brancos e pareciam antes raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes como as raposas e suas orelhas estavam em pé como as dos cães, quando prestam atenção em algo. Com muito medo,

evidentemente, de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que tinha acontecido (Freud, 2013, p. 41)

A interpretação de Freud seguirá uma forma de análise que entende o lobo como um substituto do pai, sendo a fobia pelos lobos, na verdade, o medo/desejo de ser possuído pelo pai. Por que se desenvolve uma fobia? Pela necessidade de ser castrado como a mãe para ser possuído pelo pai. A criança identifica-se com a mãe, porém, após o sonho, rebela-se contra isso em favor de um protesto de sua masculinidade. É a repressão deste desejo que retorna na forma de Fobia de Lobos. Deleuze e Guattari (1996) compreendem que esse é um exemplo elucidativo das reduções que as interpretações freudianas são capazes de fazer na multiplicidade do inconsciente; como eles denunciam, Freud havia reterritorializado o desejo restringindo-o ao circuito familiar.

A questão segue sendo a mesma daquela trabalhada no Anti-Édipo: certos modos da psicanálise haviam se tornado uma máquina pronta de interpretação, pautada no enquadre cuja pedra angular é o Édipo. Entretanto, qual o alcance da interpretação nestes termos? Sua problematização está atrelada à concepção do Édipo como um *a priori* universalizante. Para Deleuze e Guattari (1996) Édipo não é *a priori*, é introduzido social e historicamente. Édipo não é um fundamento anterior do inconsciente, é efeito de uma subjetivação precisa no tempo e no espaço: Europa dos séculos XIX e XX.

Assim, qual o risco possível no trabalho de interpretação? Deslegitimar as produções desejantes. Arrematar definitivamente aquilo que emerge com associações fechadas. A interpretação pode operar de modo a esmagar a realidade produtiva do desejo normalizando o sujeito. Ao interpretar, pode-se cortar os fluxos de produção, o desejo perde sua força de criação e começa a girar em falso.

Sobre o sonho dos lobos, Deleuze e Guattari (1996) afirmam que “Freud ignora tudo sobre a fascinação exercida pelos lobos, do que significa o apelo mudo dos lobos, o apelo por devir-lobo. (...) Freud conhece somente o lobo ou o cão edipianizado, o lobo-papai castrado castrador, o cão de casinha, o au-au do psicanalista”. (p. 54). Entretanto, “o lobo, os lobos, são intensidades, velocidades,

temperaturas, distâncias variáveis indecomponíveis” (p. 59). Uma das grandes contribuições desse texto é apontar decididamente para a presença da multiplicidade no sonho. O sonho não pode permanecer refém de uma interpretação cristalizada que o despotencializa. São múltiplos lobos, múltiplos sentidos possíveis, infintos caminhos de produção do desejo. Desse modo, não sonhamos apenas com papai e mamãe, mas com o mundo. Isso já estava presente em Freud e seguiu vivo em ramos da tradição psicanalítica, mas, certas vezes, foi desconsiderado em determinados trabalhos clínicos.

Na década de 30, surge o icônico trabalho da jornalista alemã Charlotte Beradt, intitulado: *Sonhos no Terceiro Reich* (2017). Beradt não era psicanalista, contudo, sua obra fisionomizou a importante compreensão do sonho como uma produção que habita entre o sujeito e o laço social. Por meio de seus pesadelos pessoais e a coletânea de cerca de 300 (trezentos) sonhos de alemães entre 1933 a 1939, a jornalista nos ofereceu algo dos processos de subjetivação dos entornos do Terceiro Reich. O livro citado demonstra que os sonhos são capazes de tocar a subjetividade de uma época, o que nos permite dizer que a vida onírica testemunha questões que constroem nosso tempo social, político e cultural.

Nesta seara, Jacques Lacan (1998) lança um importante desafio: “que antes renuncie a ela [a prática da psicanálise], portanto, aquele que não puder alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (p. 321). Destarte, é próprio da psicanálise o pensar as constituições de um tempo, suas implicações no sujeito e vice-versa, Freud se propôs a um intenso diálogo com a cultura, seu método não se restringia a uma clínica do sofrimento psíquico individual, mas também se propunha a pensar criticamente os aspectos coletivos da vida social (Safatle et al., 2018).

Nesse sentido, pesquisadores brasileiros publicaram em 2021 uma coletânea de textos que abordam os sonhos colhidos durante o período da pandemia do COVID-19 e os destrincham tomando como ponto de partida as intersecções criadas com o laço social. O livro chama-se: “Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia” (Dunker et al., 2021), nele o

princípio de análise ético-política dos sonhos é trabalhado mediante a articulação entre a análise dos sonhos e o vivido da pandemia de COVID-19.

Frantz Fanon (2022), célebre autor, conhecido por sua postura anticolonial, também faz uso dos sonhos na construção do seu pensamento:

Quando um negro me conta o seguinte sonho: ‘Caminho por muito tempo, estou muito cansado, tenho a impressão de que algo me espera, atravesso barreiras e paredes, chego a um cômodo vazio e, detrás de uma porta, escuto um barulho, hesito antes de entrar, por fim me decido, entro, há brancos nesse segundo cômodo, percebo que eu também sou branco (p. 95).

Fanon toma esse sonho para discutir a respeito da presença da racialidade na constituição subjetiva. O sonho trata de desvelar como está sendo elaborada uma dada questão. O autor afirma que há um desejo pela branquitude, o que diz desse sonhador, mas também do mundo em que ele está inserido, cercado pela lógica colonial de privilégios ao branco. Se o sujeito está imerso no desejo pela branquitude, é em decorrência também de uma certa hierarquização social que coloca como modelo ideal ser branco: “é na exata medida em que essa sociedade lhe cria dificuldades que ele se vê colocado numa situação neurótica” (Fanon, 2022, p. 95).

O psiquiatra martinicano toma a cena onírica e a utiliza como demonstração da materialidade presente nos sonhos. Há uma compreensão de que os sonhos dizem mais do que somente um dado biográfico relacionado ao sonhador. O sonho, como trabalha Fanon, desvela tanto o processo de elaboração do sujeito quanto aspectos do campo sociopolítico, cultural e histórico.

A oniropolítica assume ênfase semelhante ao buscar nos sonhos aquilo que eles dizem do tempo em que estão sendo sonhados, atuando como uma espécie de sismógrafo que diagnostica e denuncia as nuances do tecido social e seus abalos. Assim, trata-se de fazer, do sonho, um caminho de articulação ético-política para a construção de mundos possíveis (sonhados).

A articulação entre Benjamin e a psicanálise permitiu que Gurski e Perrone (2021) tratassem da oniropolítica como sendo uma “estratégia de análise ético-política que busca preencher lacunas nos discursos e planos hegemônicos, com o fim de resgatar a complexidade do pensamento” (p. 121). É a tentativa de construir caminhos de multiplicidades em meio à homogeneização do pensamento,

às intolerâncias e à desesperança. Se o discurso político apresenta-se de maneira fundamentalista demandando retornos ao passado numa espécie de regressão, a oniropolítica é antagônica a isso, pois pauta-se enquanto uma proposta para a conquista daquilo que desejamos. Assim, mediante a estrutura dos sonhos, pode-se trabalhar a vinculação entre a narrativa particular do sonho, que porta o singular do sujeito, e a política, uma dimensão coletiva do desejo de produção do comum (Dunker, 2021).

Parte-se da premissa de que os sonhos noturnos oferecem algo além da percepção racional e consciente, evocando um elemento inovador e criativo, recheado de percepções e compreensões que produzem novos significados às experiências diurnas. Esses elementos demonstram, além de aspectos singulares do sujeito, aspectos da estrutura histórica e coletiva. Neste sentido, a polissemia do mundo onírico representa uma alternativa ao estreitamento do pensamento produzido pelas ideologias e uma distopia da realidade que ganha espaço através dos negacionismos e das *fake news* (Gurski & Perrone, 2021).

Rouanet (1990) trabalha uma interessante noção de que é através do “sonho que o sonhador se apropria da força que emana do mundo morto das coisas” (p. 89). Dito de outra maneira, a força que emana daquilo que foi reprimido pela ausência de elaboração é o que não pode ser recordado pelo sujeito e pela história, mas também é aquilo que, pela ausência de elaboração, não pode ser esquecido. Os múltiplos significados conjugados nos sonhos evocam alternativas para a elaboração simbólica e a eventual criação do novo.

Tratando dos sonhos, Freud (1900/2019) exprime que os pensamentos oníricos são uma espécie de passagem entre o real, aquilo que não é acessível à consciência, e a análise racional da vigília, sendo compostos pelos restos das experiências diurnas e a sua reconstrução em forma de narrativas. Os sonhos são formados por restos, um objeto de intenso interesse para Walter Benjamin e a psicanálise, os quais dirigem interrogações a tais restos. Será neles que encontramos fragmentos espaço-temporais, rastros da história do que não pôde ser assimilado. No trabalho psíquico dos

sonhos, Freud nos mostra que estamos entregues aos significados que nos oferecem as ruínas dos registros (Gagnebin, 2006).

Para o trabalho de articulação ético-política, tomamos os sonhos como manifestação da singularidade criadora do sonhador lançado em zonas de apagamento, que tem seu desejo interditado e, portanto, precisa atuar como um vagalume que brilha em meio a escuridão. É uma afirmação no poder da resistência da luminosidade intermitente e na narrativa onírica composta de fragmentos e pedaços fugazes, mas com força para tocar o real e, quiçá, movê-lo.

Didi-Huberman (2011) problematiza a suposta morte dos modos de resistência, conduzindo-nos à percepção de que, quando vemos, de um lado, apenas a noite e, de outro, a luz estúrdia dos refletores que nos cega, nos fechamos ao improvável, a abertura do novo, aos vislumbres e, sobretudo, a tudo aquilo capaz de reconfigurar o futuro. Desse modo, trabalhar com sonhos tem nos demonstrado que não há totalitarismo que possa impedir o sonho dos sujeitos e, nos sonhos, sua potência de criar alternativas à ausência de polissemia imposta, sua potência de afirmar a multiplicidade, os muitos caminhos possíveis. Os sonhos podem inundar a vida cotidiana com ideias, conceitos, pensamentos, atitudes e posicionamentos únicos e incomuns.

Há no ato de sonhar uma função transformadora e revolucionária? O sonho opera uma transgressão fundamental na temporalidade do mundo, dado que nos coloca, no presente, a tecer junto com as ruínas do passado; o que ainda não encontra lugar na materialidade da vida, encontra habitação nas imagens dos sonhos, abrindo-se como possibilidade no porvir. Testemunhar a narração dos sonhos é como uma oferta ao sonhador para que ele venha a considerar com seriedade suas constelações oníricas, uma forma de confiar no conhecimento advindo do mosaico onírico de cada um.

Podemos, portanto, pensar o sonhador como o narrador sucateiro de Gagnebin (2006), que recolhe os restos, as sucatas da vida cotidiana e se confecciona como um investigador revolucionário, cercado pela história que, com suas narrações, transmite uma lógica a contrapelo. Pensar os sonhos

consiste em deslizar de uma imagem a outra, construindo uma disposição de fragmentos que se alternam, marcados pela tensão de que cada resto seja também um todo.

Destarte, podemos entender as imagens dos sonhos como ruínas perceptivas de outro tempo que se apresentam, no presente, enquanto uma possibilidade de reordenamento? Pode o sonho, tecido numa história singular, ser um dispositivo de articulação da história social, pondo-se a serviço da crítica da cultura e do laço social?

No livro “Sonho Manifesto”, Sidarta Ribeiro (2022) aponta que a transformação que ansiamos que aconteça com o mundo, necessária para a continuidade da espécie e da vida na terra, passa pelo sonhar com intenção. O autor trabalha a partir do fato de que o futuro para o qual nos lançamos com o modo de produção atual, diga-se capitalista, representa o fim da humanidade enquanto espécie. Diante disso, precisamos da ficção, da fantasia, da imaginação para imaginar a consequência de nossos atos e omissões. O autor nos conclama a reaprendermos a sonhar o bem comum para desenharmos o percurso da cura, pois perdemos a tradição da contação de sonhos que, por vezes, salvou nossos ancestrais da extinção. A guinada histórica nos encaminhou para a exacerbação do individual, ficamos com a insônia e os pesadelos individuais. Sonhos que não encontram endereçamento social, não encontram partilha. Os caminhos de cura oferecidos, também se baseiam, sobretudo, em métodos individuais quase sempre elitistas. Nessa cena desoladora, Ribeiro (2022) nos diz:

Precisamos recuperar a capacidade ancestral de contar e imaginar histórias de viva voz e olhos reencontrados [...] O passo seguinte é trazer para o círculo narrativo íntimo os relatos matinais dos sonhos da noite, assim reativando o dispositivo cultural ancestral da roda de sonho. O foco social na produção onírica cria possibilidades inesgotáveis de entrelaçamento dos desejos e medos individuais, tecendo o rumo grupal de modo a não deixar ninguém de fora. (p. 98)

Como acessar um modo de existência humana que se esvazia do escrito unicamente sob a égide da “cultura”? Como transpor em palavras escritas um mundo que escapa à lógica cartesiana ocidental? Com base nisso, carecemos das vozes de nossos ancestrais de diferentes matizes culturais. Assim, seguimos com os povos indígenas amazônicos e aborígenes australianos.

Enquanto o uso dos sonhos como ferramenta ético-política pode soar ainda como uma novidade em nossas universidades, povos indígenas amazônicos atuam na contramão do destrato urbano com os sonhos, ao conceber função vital, espiritual e pragmática aos sonhos. Kopenawa e Albert (2015) denunciam que “os brancos não sonham tão longe quanto nós, eles dormem muito, mas só sonham consigo mesmos” (p. 390). Castro (2015), comentando este enunciado, afirma:

Somos nós, os Modernos, que, ao adentrarmos o espaço da exterioridade e da verdade – o sonho –, só conseguimos ver reflexos e simulacros obsedantes de nós mesmos, em lugar de nos abrirmos à inquietante estranheza do comércio com a infinidade de agências, ao mesmo tempo inteligíveis e radicalmente outras, que se encontram disseminadas pelo cosmos. (p. 38)

O diagnóstico de Kopenawa é voraz, contando-nos da ode ao indivíduo erigida pela modernidade e seu consequente empobrecimento da experiência. Conforme Kopenawa, a ‘terra-floresta’ é uma sociedade composta de “multidões de *xapiri*, seus habitantes”, da qual os humanos só participam de forma ativa “entrando em estado de fantasma”, “virando espírito” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 475-476), isto é, sonhando. Há uma predominância do viés cosmológico na obra “A Queda do Céu: Palavras de um xamã Yanomami” que deve-se à singularidade da inscrição existencial de Kopenawa, tendo em vista que ele é um pensador xamã. Dentre tantos significados que isso pode assumir, diz-nos que sua perspectiva não é propriamente humana. As palavras de Kopenawa são, primeiramente, “palavras dos espíritos” (p. 64).

Para os Yanomami, a vinculação cosmológica entre natureza e espírito é primordial, o que implica numa função primeiramente ecológica dos sonhos, antes mesmo que psicológica (Valentim, 2021). A distinção entre natureza e espírito, característica da cosmovisão moderna, traz consigo a redução do pensamento a uma mera atividade psicológica ou somente lógica. Kopenawa (2015), ao tratar da distinção entre os povos originários e o mundo ocidental, afirma que sua comunidade viaja com seus sonhos muito mais além do que o mundo dos homens do consumo: “Nós, xamãs, ao contrário, somos capazes de sonhar muito longe. As cordas de nossas redes são como antenas por onde o sonho dos *xapiri* desce até nós diretamente” (p. 462).

Notadamente, há uma concepção outra do sonho que não aquela consagrada no ocidente. O sonho xamânico é o ambiente vital de contato com os *xapiri* - espíritos ancestrais da floresta - é o lugar, por primazia, do aprendizado acerca do mundo. Segundo Limulja (2019), o sonho é proveniente dos desejos dos outros e o sonhador está suscetível às vontades que lhe são alheias. O estudo dos sonhos Yanomami indica que ir longe nos sonhos é atributo daquele capaz de “virar outro” ao entrar em “estado de fantasma”, ser absorvido ou deixar-se absorver pelo desejo de outrem. Neste momento, é importante que seja feita uma interrogação: se o inconsciente é o espaço do sonho, não seria, também, do cosmos? Não há possibilidade de pensar eu sem outro, inconsciente sem mundo. Não há como dissociar o sonho do mundo habitado pelo sonhador.

Visto que, em suas viagens oníricas, os xamãs Yanomami experimentam a potência espiritual de entidades não-humanas, as palavras dos sonhos passam a integrar, com centralidade, as suas dinâmicas de funcionamento. E o que dizem tais entidades? Kopenawa (2015) argumenta que, não fosse a inaptidão dos brancos aos sonhos, eles “não se empenhariam tanto em destruir a floresta” (p. 420). Assim, o autor nos aponta que a paixão pela mercadoria é o que faz colapsar a espiritualidade onírica e o que conspira diretamente para desequilíbrios cataclísmicos do ambiente cósmico. Para Kopenawa (2015), esse é um dos principais motivos espirituais para a destruição do clima (o chamado “aquecimento global”), catástrofe planetária desencadeada pelo modo de existência ecologicamente nocivo do povo da mercadoria. Neste ponto, a queda do céu é a consequência socioambiental da paixão pela mercadoria.

Os espíritos defendem a floresta, logo, assumem uma posição eminentemente política de proteção daquilo que é visado pelo capital para destruição. Neste contexto, sonhar é posicionar-se ético-politicamente e partilhar as palavras dos sonhos é transmitir a possibilidade de um outro mundo. O sonho é condição de possibilidade do “trabalho sem descanso para impedir a floresta de retornar ao caos” (Kopenawa & Albert, 2015, p.197). Assim, no dizer de Krenak (2019), podemos intuir que os sonhos estão postos para “adiar o fim do mundo”.

Em decorrência disso, trata-se de uma agência política, pois é o saber dos *xapiri* que possibilita os meios de resistência à “cosmofobia”, conforme diz Antônio Bispo dos Santos (2021, p. 40), daqueles que promovem a destruição da floresta e o extermínio dos seus povos.

Se nada soubéssemos dos *xapiri*, do mesmo modo nada conheceríamos da floresta, e seríamos tão desmemoriados quanto os brancos. Não pensaríamos em defendê-la. Os espíritos receiam que os brancos devastem todas as suas árvores e seus rios. São eles que dão suas palavras aos xamãs. Permanecem sempre ao nosso lado, e são os primeiros a combater para salvar nossa terra. Os espíritos *napënapëri* fixaram lâminas de ferro em todo o seu contorno, para que os garimpeiros, colonos e fazendeiros não se aproximem de nossas casas. Os espíritos de *Omama* plantaram em seu centro a imagem de uma barra de metal cercada de vendavais que derrubam os aviões e helicópteros dos garimpeiros na floresta. É graças a esses *xapiri* que ela ainda não está toda invadida. Mas meu sogro e eu não fazíamos dançar apenas a imagem dos ancestrais *napënapëri* e a de *Omama* para manter os brancos à distância. Quando me via voltar da cidade muito preocupado, também me chamava para beber *yâkoana* para obscurecer o espírito dos políticos que querem retalhar nossa terra. Então fazíamos descer juntos os espíritos da vertigem *mõeri*, para confundir seus olhos e emaranhar os desenhos de suas peles de papel. Assim era. Meu sogro é um grande xamã dono de incontáveis *xapiri* e foi ele quem me ensinou a fazê-los dançar para defender a floresta (Kopenawa & Albert, 2015, p. 330-331).

Krenak (1992) assevera que:

O sonho não é somente a experiência de estar tendo impressões enquanto você dorme, mas o sonho é a casa da sabedoria [...] Todas estas instituições: educação, escola, universidade, elas estão no sonho [...] E, quando nós sonhamos, nós estamos entrando num outro plano de conhecimento, onde nós trocamos impressões com os nossos ancestrais, não só no sentido de nossos antigos, meus avós, meu bisavô, gerações anteriores, mas com os fundadores do mundo. (p. 202).

O sonho, para Krenak (1992), pode remontar até mesmo às memórias da criação do mundo, sendo o espaço no qual o fundamento da vida e o sentido das coisas nos é contado. Trata-se de uma visão de mundo deveras enriquecida pela prática da partilha; nela, os sonhos são tingidos com cores vibrantes que não o separam do mundo.

Neste cenário, Limulja (2019) destrincha, em sua tese, uma etnografia dos sonhos traçada junto a uma comunidade Yanomami, na qual é dito que “ao fazer dos sonhos parte constituinte de seu pensamento, os Yanomami ampliaram e moldaram a sua forma de conhecer o mundo” (p. 148). Neste lugar, os sonhos são sempre maiores do que a vida do sonhador, comunicam-se à comunidade enquanto os sonhos comunicam-se entre si. As lideranças sentam-se numa manhã qualquer para partilharem os seus sonhos e dali extraírem posicionamentos no mundo.

Um outro trabalho importante acerca dos sonhos em diferentes matrizes culturais, é o da antropóloga polonesa Barbara Glowczewski, traduzido e publicado para o português em 2015, sob o título “Devires totêmicos: cosmopolítica do sonho”. Na obra, somos apresentados a uma cosmovisão deveras associativa, imaginativa e conexionalista, na qual os sonhos *warlpiri* funcionam como um eixo hermenêutico. Os sonhos são totens, diz Glowczewski (2015), responsáveis por sedimentar o funcionamento dos povos *Warlpiri*, desde suas práticas ritualísticas até seus entendimentos da história. O termo “sonho”, nesta cultura, carrega uma importante variedade de sentidos, podendo designar coisas como: um tempo mítico, as narrativas dos heróis totêmicos, itinerários, e são os responsáveis por operar a identificação dos variados clãs (Glowczewski, 2015). A própria noção de sonho não é plana e uniforme, mas traz consigo uma verdadeira polissemia que se conecta aos diversos âmbitos da existência desse povo.

Em nossa sociedade, existe um corte entre realidade e sonho, no qual há uma nítida delimitação entre o tempo de vigília e o tempo do sono, da experiência onírica. Assim, confere-se grande importância ao pensamento racional e relega-se a um lugar de resto descartável o espaço onírico. Dentre os *Warlpiri*, isso não ocorre. Há um uso do sonho como fundamento legítimo para habitar o mundo, ainda que não haja uma sobreposição indiscriminada entre sonho e realidade material, conforme Glowczewski (2015, p. 86) afirma, “os *Warlpiri* não misturam sonho e realidade, mas constroem sua relação baseando-se numa discriminação outra que não a oposição entre imaginário e real”.

Uma problemática importante mencionada no livro, que ilustra o dito acima, diz respeito ao processo de sedentarização advindo do contato com os brancos e a colonização. Para um povo nômade, tornar-se fixo num dado lugar implica numa mudança radical de seus hábitos culturais, o que pode ocasionar o esfarelamento do grupo e sua eventual extinção. Todavia, chama a atenção o fato de ter surgido, como forma de lidar com o espaço, agora sedentarizado, a possibilidade de seguir viajando nos sonhos. Ainda que fixos em um só lugar para viver em comunidade, os sonhos permitiam

a continuidade de suas tradições andarilhas. Aqui, os sonhos são assumidos como um verdadeiro território existencial, capaz de assegurar baluartes culturais intergeracionais. Guattari (apud Glowczewski, 2015) menciona que eles estavam “gerenciando, literalmente, os territórios de sonhos” (p. 46). É curioso que o fazer no sonho detenha um estatuto similar ao fazer em vigília.

Para os *Warlpiri*, tudo o que existe na natureza e na cultura tem o seu sonhar. Cada elemento natural e cultural possui o seu sonhar e, diante de novas situações e contatos, o que eles fazem é relembrá-lo e atualizá-lo, associando-o com os demais itinerários. O fato deles, porventura, descobrirem algo que não lhes era conhecido não implica na não existência de um sonhar para tal coisa; antes, ao ser assimilada, tal coisa passa a ter o seu sonhar e é inserida de forma originária como sendo desde sempre. Destaca-se o seguinte trecho da obra de Glowczewski (2015), para fins de elucidação:

É importante enfatizar que a noção do sonhar, dos ancestrais do sonho, do tempo do sonho, não se refere a um simples tempo das origens, mas a um espaço-tempo que abrange simultaneamente o passado, o presente e o futuro, e no qual estão estocadas todas as possíveis combinações entre os elementos da existência. Não há noção de evolução porque todos os elementos já existem, mesmo antes de terem tomado forma, já que cada elemento é ele mesmo formado pela combinação de outros elementos. Em outras palavras, o sonhar inclui todo o possível; ele não tem nem ponto de partida nem ponto de chegada específico. É a condição da vida e de todas as transformações. Qualquer elemento é um sonhar em si, mas também se conecta a outros elementos com os quais forma o que eu chamo constelação. (p. 62)

O sonhar é “a condição da vida e de todas as transformações”, essa é uma explícita afirmação acerca da cosmopolítica do sonho (mas também da oniropolítica). A tecnologia dos sonhos *Warlpiri* coloca em cena materialidade e fantasia, possibilitando metamorfoses em ambas, incluído nisso, a manutenção da sobrevivência da própria tribo diante de um violento processo colonizatório que demanda completa submissão a padrões culturais que lhes eram alheios. Foi possível sobreviver, pois, sobreviveu-se nos sonhos.

Com isso, parece evidente dizer que os sonhos agenciam o desejo em toda sua heterogeneidade. Encontrar uma chave de leitura para os simbolismos *Warlpiri* e suas relações entre sonhos não pode

prescindir do corpo que se coloca junto a eles, que come de sua comida, bebe de sua bebida, integra-se e é integrado. Os sentidos não estão dados *a priori*, mas se encarnam na experiência.

Os *Warlpiri*, matinalmente, partilham seus sonhos uns aos outros, usando para isso todo o corpo, mãos, voz, desenhos e tudo o mais. Para Glowczewski (2015), o partilhar de sonhos é muito semelhante a uma cartografia, uma vez que itinerários existenciais são partilhados no pé da mesa, dado que espaço e tempo conjugam-se pelo mesmo termo, possibilitando um mais além na relação com o território. Aos *Warlpiri* é indispensável uma vivência intensa e intensiva com o sonhar.

Após este percurso conceitual, estão lançadas as bases do nosso entendimento acerca do sonho, o qual é nutrido especialmente pelo campo da psicanálise e da oniropolítica, mas também tem em alta conta as compreensões dos povos tradicionais. Dito isso, passamos a seguir o passeio pelo campo de pesquisa.

5. ONIROPOLÍTICA E REFORMA PSIQUIÁTRICA: O CECCO COMO CATALISADOR DO SONHAR COLETIVO

5.1 Sonhar a Reforma Psiquiátrica – Sonhar uma Sociedade Sem Manicômios

O simbolismo onírico se estende muito além dos sonhos
(Freud, 1900/2019)

Os serviços de saúde mental preconizados pela Reforma Psiquiátrica têm uma potencialidade estratégica vital: abrir-se para o mundo. Em antagonismo às amarras do regime manicomial, as práticas substitutivas pautadas pela RAPS baseiam-se na promoção de uma outra forma de fazer sociedade: pelo reconhecimento e acolhimento do outro como diferente, porém, de igual modo, partícipe. Assim, andar pela cidade, ocupar universidades e espaços artísticos, produzir diversas formas de expressão estão incluídas na dinâmica desses serviços.

Conduzidos por estas direções, o CECCO tenta sustentar práticas de cuidado que viabilizem o encontro da comunidade com a diferença a partir de suas produções e invenções junto aos Convivas. Um destes lugares promovidos pelo CECCO é propriamente a Tenda do Sonho. Abaixo, segue um sonho contado em encontro da Tenda do Sonho:

Neste sonho, eu era diretor de um filme de cinema. Eu sou o rei neste lugar e todo mundo que está aqui estava também: ele era o duque, ele o ministro, ela a princesa, ele o conde e eu o rei. Nós construímos um lugar onde não existia fome, quem quisesse pegava leite da vaca, colhia milho e tudo mais. Também tinha livros à vontade para todos, todo mundo podia comer e ler. Todo mundo podia ser o que quisesse, acreditar no que quisesse, sem julgamento. E não tinha João Machado (tradicional manicômio de Natal/RN), todo mundo tinha que ser livre. Esse foi o meu sonho, esse é o meu sonho. (Sonho narrado em 24 de outubro de 2024 e 28 de novembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: microfone)

Desejo de comida, educação e liberdade para todos. Para Foucault (1978), a psiquiatria é um monólogo da razão sobre a loucura, entretanto, as produções protagonizadas pelos atores sociais da Reforma Psiquiátrica se mostram como possibilidade de estabelecimento de diálogos. Mediante a criação, o mundo da loucura pode se transformar e tornar-se algo passível de ser acessado, compartilhado, trocado, conversado.

Tais produções antecipam, em meio a rotina da vida cotidiana, novas perspectivas, novos mundos. Nos serviços de saúde mental, as oficinas terapêuticas são o espaço facilitador do surgimento destas criações. Nesses espaços, há o desenvolvimento de atividades artísticas e artesanais, que privilegiam tanto a expressão, quanto o aprendizado, e possibilitam a circulação social. As oficinas têm sido objetos de reflexão de diversos trabalhos (Lima, 1997; Rauter, 2000) e já ocupam determinado lugar consagrado entre a rotina dos serviços; contudo, há dimensões subjetivas importantes a se destacar.

Pode-se enunciar que há produção de vida. Não apenas objetos são feitos, mas relações sociais complexas são criadas. Relações encapsuladas pelas derivações do modo de produção capitalista, porém, potencialmente produtoras de desvios, rupturas, furos, resistências e lutas. Deleuze e Guattari (1996) destacam essa relação. Para esses autores, o desejo é produtor não somente de ilusões, mas de mundos. Nesse sentido, Rauter (2000) afirma que as oficinas serão terapêuticas caso se tornem capazes de estabelecer uma determinada vinculação entre a produção desejante e a produção da vida material que excede os habituais. Caso coadunem-se com a imanência da vida, na qual engendram-se as artes, a política, o amor e, especialmente para nosso caso, os sonhos. Os sonhos, desde Freud, são frutos da vinculação umbilical entre o desejo e a vida material.

É nessa perspectiva que realizamos a Tenda do Sonho. Há possibilidade da construção de novos territórios existenciais mediante o uso de dispositivos grupais, pois, a partir de um encontro com alguém acontece a produção de algo. Esse alguém carece de ocupar uma posição de acolhimento, de respeito às idiossincrasias e à singularidade do outro, de escuta e hábil leitura das demandas (Lima, 1997). Um lugar de suporte de uma relação que aposta nos bons encontros; como diria Espinosa (2009), temos a capacidade racional de produzir bons encontros, obtida através das nossas contínuas composições com o mundo. A partir dos encontros, temos abertura para conhecer o mundo compondo os modos de vida que melhor se combinam com nossos corpos. Assim, algo se produz que condensa em si as marcas afetivas do encontro.

Guattari (1992) aponta o lugar de paradigma ocupado pela arte, como uma faceta intrínseca a toda forma de produção e atividade humana: transformar a natureza, transformar o mundo em que se vive, criar-se numa *autopoiese*. O sonho é uma criação, um ato psíquico legítimo que carrega, ainda que se diga em latência, potência similar. Um usuário que sonha com a produção de um filme, no qual existe um mundo de acesso irrestrito à alimentação e educação gratuita, bem como de cuidado em liberdade, diz muita coisa.

A concretude diária é de inúmeras restrições, as humilhações no transporte público são constantes, pessoas que desviam o olhar, familiares que não mais atendem ligações; porém, em sonho, podemos nos tornar parte de uma fina monarquia que resolveu os principais problemas de sua região e garantiu comida, livros e saúde para todos. Qual o efeito possível de um desejo como esse? Desejo de governar rumo à abolição da miséria material e do espírito. No grupo, a narrativa do sonho é ouvida com atenção. Ficamos um pouco parados após o término do discurso e nos entreolhamos como se estivéssemos permanecendo ali, naquele mundo sem miséria. O silêncio dura ainda um pouco até ser rompido: *“Olha, é um sonho maravilhoso que ele teve, todo mundo quer isso, mas acho que tem muitos poderosos que não querem, pessoal da prefeitura, do governo... e os ricos? Será que deixariam? Eu não sei, mas sei que a gente sempre fica deixado de lado, sendo jogado de um canto ao outro, mas nós somos gente também e merecemos ser tratados como gente. Pronto, só isso”*.

Mundos diferentes a serem sonhados, imaginados. A célebre questão de Fischer (2020): “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?” nos ajuda a pensar a respeito disso. A dimensão triunfante do capitalismo após a queda do Muro de Berlin em 1989 tornou-se hegemônica, o sistema econômico promulgado pelo Ocidente agora desponta como o ápice da possibilidade humana, a única forma salutar de resolvermos nossos grandes problemas. Com isso, surge uma colonização imagética que nos impõe apenas pensar nos futuros possíveis dentro da estrutura do capital. São muitos os filmes apocalípticos de baixa qualidade que demonstram possíveis finais para o nosso planeta, mas dificilmente surgem obras com uma outra configuração social possível.

O sonho do conviva nos mostra que o furo está ao alcance e é possível subverter a ordem dada mediante o exercício do sonho partilhado. É viável imaginar um mundo mais justo e acender nos demais o desejo por isso. Ao contar, o usuário nos contagia com seu desejo fazendo-nos querer a sua realidade plena, a sua concretização imediata, mas não se trata de uma possibilidade dada, de algo que nos será dado. É algo que deve continuar a ser sonhado mediante a nossa agência, o nosso corpo

em movimento cuidando dos afetos uns dos outros e caminhando rumo à utopia onírica do nosso querido participante.

Célebres nomes como Arthur Bispo do Rosário⁵, Estamira⁶, Stella do Patrocínio⁷ e Emygdio de Barros⁸ fizeram da arte uma possibilidade de desvio frente a voraz intensidade da angústia. Narraram suas histórias, criaram e recriaram objetos e palavras. Fundaram um mundo em diálogo com todo o resto, não isolado, talvez não inteligível, mas pulsante.

Neste caminho, o desaguar dentro de um grupo que culmina na criação/produção é um encontro capaz de produzir uma debandada do aprisionamento. A criação de um espaço de habitação precário e provisório, entretanto capaz de dialogar, produzir sentidos, linguagem, é o desafio posto. Produzir contorno simbólico às vivências do sem sentido, da angústia, do corpo fragmentado, do desejo, presentes no sonho e na vida.

O poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar (2017), nos encaminha no fluxo do pensar a respeito de tais coisas:

Uma parte de mim é todo mundo
 Outra parte é ninguém, fundo sem fundo
 Uma parte de mim é multidão
 Outra parte estranheza e solidão
 Uma parte de mim pesa, pondera
 Outra parte delira
 Uma parte de mim almoça e janta
 Outra parte se espanta
 Uma parte de mim é permanente
 Outra parte se sabe de repente
 Uma parte de mim é só vertigem
 Outra parte linguagem
 Traduzir uma parte na outra parte
 Que é uma questão de vida e morte
 Será arte? (p. 30-31)

⁵ Arthur Bispo do Rosário foi um genial artista plástico brasileiro que, em decorrência do diagnóstico de esquizofrenia, residiu em diferentes instituições psiquiátricas por quase 50 anos.

⁶ Estamira foi uma sagaz pensadora brasileira que, durante sua vida, denunciou que ‘o verdadeiro lixo são os valores falidos em que vive a sociedade’.

⁷ Stella do Patrocínio foi uma poeta que, com sua arte, teceu denúncias frente a sociedade normatizadora, patriarcal e racista que se valeu do modelo médico para excluir e calar as pessoas que de alguma maneira se diferenciavam do modelo hegemônico.

⁸ Emygdio de Barros foi um pintor brasileiro com obras associadas ao conceito de arte bruta e arte virgem. Parte de seu acervo pode ser encontrado no Museu de Imagens do Inconsciente.

O fazer grupal refere-se à abertura para a diversidade das infindas possibilidades presentes no existir. Há um lugar ético de acolhimento a isso na invenção das tecnologias de cuidado, uma acolhida que relaciona-se com o sofrimento psíquico considerando sua complexidade e compreendendo-o como parte da vida humana. É também um lugar político que identifica a sobreposição das relações de poder que se expressam no cotidiano das pessoas, nas relações institucionais, e afirma um compromisso de ruptura com as práticas hegemônicas e de transformação no tecido social, sonhando com mudanças que possibilitem que os bens econômicos, culturais e científicos possam estar à disposição e serem compartilhados por todos que fazem parte da sociedade que os produziram, como foi sonhado pelo participante.

Tencionar a transformação da relação da sociedade com a loucura implica em uma mudança significativa de sua relação com a diferença, o estranho, o estrangeiro. Por vezes, os sonhos nos surgem como essa alteridade não enquadrável, que escapa à racionalidade. Assim, a valorização do espaço onírico, o reconhecimento do(s) outro(s) em nós e o debate oniropolítico podem nos auxiliar na desejada transformação social preconizada pelos processos de Reformas Sanitária e Psiquiátrica brasileira. Acolher os nossos sonhos é acolher a diferença que nos habita e é reiteradamente negada, o que pode nos despertar para um posicionamento ético-político de abertura, às avessas do modo fascista de se viver.

Sonhar é uma necessidade fundamental do ser humano, pois não há amanhã sem utopia. As utopias, como diz Bloch (2005), formam-se dos sonhos de olhos abertos, sonhos diurnos, e têm como princípio básico a esperança. Ousa-se dizer, com base nos trabalhos de Kopenawa (2015), Glowczewski (2015), Ribeiro (2022) e Beradt (2017), que também há, nos sonhos noturnos, potencial semelhante, ainda que em latência. Potencial que diz da inserção do sonho no ambiente do mundo e das criações que podemos fazer a partir dele, produzindo virtualidades que apontam para o surgimento de novos possíveis.

Assim, Heller (1989) salienta que somente aqueles que possuem necessidades radicais podem desejar e realizar a transformação da vida. O desejo pelo impossível se presentifica naqueles para quem a vida cotidiana se tornou insustentável. Sujeitos que tiveram seus desejos negados, interditados e violados. A criação de modos de resistência, possivelmente, nos salvará do colapso total. É nesse paradoxo potencialmente contraditório que podemos encontrar a força dos nossos sonhos para intencional caminhos de mudanças. A hipótese de Marx (1978), de que “os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (p. 329), apresenta-se como desafio a todos os que desejam transformar o mundo. O cenário é a vida de todo dia.

Para caminhar até a utopia, nossa aposta é no infinito campo aberto de possibilidades presentes no sonho. Desvencilhar-se dos dispositivos manicomiais e inventar novos dispositivos sociais que reconhecem o protagonismo dos usuários da saúde mental, mas não somente deles, de toda a gente excluída, aqueles que não contam perante os olhos dos poderosos e do Estado. Um fazer de microrrevoluções cotidianas que alçam sonhos com uma sociedade distinta. A Reforma Psiquiátrica, tal qual os sonhos, é feita de rupturas e criações.

5.2 Águas em Chamas

Ao longo do segundo semestre de 2024, acompanhamos o cenário aterrorizante protagonizado por queimadas históricas na Amazônia, no pantanal e no cerrado. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) afirmam que ocorreram mais de 278 mil focos de incêndio ao longo do ano, que culminaram em 22 milhões de hectares queimados até o final de setembro (Map Biomas, 2025). Fomos telespectadores de um terror diário marcado por transmissões televisivas que usavam e abusavam das imagens devastadoras causadas pelas chamas. Nossas florestas queimaram diante dos nossos olhos e estávamos inertes a milhares de quilômetros de distância. O combo maligno entre as

práticas predatórias do agronegócio, a ação criminosa de incendiários, as crescentes mudanças climáticas, um intenso ano de *La Niña* que resulta em seca nos biomas citados e o marasmo governamental para tomar medidas contundentes resultam numa paisagem distópica de um céu que parece cair enquanto é consumido pelas chamas.

Em nossos encontros, os sonhos trataram de nos aproximar. Começo com o seguinte sonho de 05/09/2024, momento em que as queimadas estavam em destaque, compartilhado em nossos encontros:

Estou no barco com membros da minha família, recordo a presença de minha esposa e minha sogra. O barco navega sob as águas do Rio Potengi, que banha a cidade de Natal/RN, e estamos em direção à sua foz, que é o seu encontro com o oceano atlântico. A vista é de estarmos passando por debaixo da ponte Newton Navarro e no horizonte vemos o forte dos Reis Magos, paisagem muito fidedigna com o que de fato é, exceto pela existência de uma maciça barreira de pedras justo no local de encontro entre o Rio e o Oceano. Eu, minha esposa e minha sogra, descemos do barco e seguimos viagem agarrados na lateral do barco. Porém, minha sogra, ao descer, inicialmente estava no centro do barco e seria acertada pelo motor, aviso-a e ela sai dirigindo-se para a lateral. O nosso barco segue em velocidade na direção do paredão rochoso. Começo a desesperar-me e passo a alertar todos do perigo iminente, entretanto, nada acontece e parece que apenas eu estou preocupado. A colisão ocorre e o barco se despedaça, aparecemos em terra firme e questiono a todos: por que não paramos? Ninguém estava vendo as pedras? Acordo. (Sonho narrado em 05 de setembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: garrafa d'água)

Comento com o grupo que eu ando muito angustiado pelo cenário das queimadas e me sinto impotente diante de tudo isso, como no sonho que aparece um sujeito desesperado; ninguém lhe dá ouvidos e o barco segue em direção ao paredão rochoso até acertá-lo. Um dos participantes comentou: “com este sonho, eu lembrei de um sonho com água que tive há pouco tempo.”

Estávamos eu e meu pai construindo uma piscina no terreno de nossa casa. Eu fiquei muito feliz com isso, eu adoro água e pensei que estava acontecendo mesmo. Quando acordei, eu corri para ver se a piscina estava lá. (Sonho narrado em 05 de setembro de 2024).

E seguimos com mais sonhos narrados que tramam um agenciamento coletivo entre as narrativas:

Era um terreno totalmente descampado e plano que havia sido arrasado pelo fogo. Nada mais queimava, porém estava tudo plano e dava para ver todo o horizonte sem vida. Vou caminhando com grande angústia e vou percebendo que se parecia com um território indígena. Começo a chorar e, ao olhar para terra, vem uma sensação de sufoco imensa, como se o ar estivesse sumindo. (Sonho narrado em 19 de setembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: cuia)

Estava na praia com um grupo de pessoas e estava uma boa calmaria. A gente tava sentado na areia mesmo enquanto conversávamos e ouvíamos o barulho do mar. Do nada, um vulcão de dentro do mar começa a eclodir. Ele joga lava para cima numa altura bem alta. A gente precisa fugir, saímos correndo rápido e descobrimos que a única saída é por uma subida muito íngreme. (Sonho narrado em 19 de setembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: um punhado de areia)

Sonhei que minhas plantas estavam todas sem raízes e fiquei profundamente angustiada. Lembrei do rumo de destruição que o planeta está tomando. (Sonho narrado em 07 de novembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: planta trazida de sua coleção)

Nesta semana fui na lagoa da minha infância em Nísia Floresta e estava tudo muito diferente, tinha menos água, menos árvores, menos plantas. Tudo aparentemente mais pobre do que na minha infância. Quando foi pela noite, eu sonhei com a lagoa do jeitinho que era na minha infância. (Sonho narrado em 14 de novembro de 2024 - Objeto relacional escolhido: planta trazida de sua coleção)

Eu estava numa mata bastante fechada e tinha uma espécie de guerra híbrida rolando, eu era um militar da ativa. Era uma tarefa de inspeção da área florestal. Havia suporte aéreo com um helicóptero que seguia conforme o meu comando. Eu estava sozinho em solo. Nós encontramos e

vimos as armas biológicas desenvolvidas pela CIA, responsáveis por lançar um material cinza diariamente pelo céu. (Sonho narrado em 07 de novembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: caderno com assinaturas).

O sonhador diz: “*este sonho me lembra a necessidade de preservação, o homem está muito violento. Tudo tem vida e precisa ser preservado, essa loucura precisa acabar*”. Realmente, essa forma de vida extremamente exploratória preconizada pelo capitalismo precisa acabar. Os sonhos aqui contados vão nos levando por meio de certos elementos naturais (fogo, ar, terra, água) e dizem, dentre outras coisas, da angústia de olhar e ver um *terreno descampado e plano arrasado pelo fogo*, do desespero de saber que *o barco vai se chocar com as pedras*, da impotência de perceber que existe uma *subida muito íngreme* para conseguir fugir do desastre. Parece que a maquinaria da destruição é imparável.

Nossos sonhos testemunham deste novo mundo, marcado pelas mudanças climáticas e os acontecimentos, agora corriqueiros, de catástrofes ambientais. Somos submersos pelas águas, consumidos pelo fogo, sufocados pela falta de ar, engolidos pela terra, mas a humanidade não cessa em insistir nas demandas de lucro, produção e consumo.

Certas pessoas dizem: “ah, lembra do Thomas Malthus? Aquele que previu a escassez de alimentos com o crescimento populacional? Pois é, estava errado. E estão errados aqueles que acham que a humanidade não vai criar uma saída para os problemas ambientais. A tecnologia nos salvou da escassez alimentar e nos salvará do colapso climático”. Espero muito que estejam corretos, pois a sensação é a de que estamos nos jogando em um buraco sem saída e a impotência acaba sendo sentida na pele, testemunhada nos sonhos. Nestes momentos, penso que mais vale a tecnologia ancestral indígena de cultivar e preservar a natureza.

As ações coletivas que temos tomado para respeitar o organismo vivo que é a terra ainda são muito incipientes. Para mitigar os efeitos do modo de produção exploratório inaugurado na Revolução Industrial, é necessário promover uma transformação dos hábitos e das estruturas produtivas vigentes.

As pressões exercidas pela sociedade civil e científica resultam em modificações na política internacional, como é o caso do Acordo de Paris, um compromisso global para evitar o aumento da temperatura terrestre no século XXI ratificado por 196 países. Entretanto, frequentemente vemos notícias deste acordo sendo vilipendiado, inclusive pelo atual presidente dos Estados Unidos (EUA), Donald Trump, que já retirou os EUA do acordo em mandato anterior e o fez novamente no primeiro dia de sua segunda gestão.

Fato é que nos aproximamos a passos largos de uma encruzilhada que nos reserva, de um lado, um ponto de não-retorno e, de outro, uma transformação radical em nosso processo de manufatura, compra e venda. Nosso barco seguirá em alta velocidade rumo às pedras? Ou subiremos o íngreme e necessário caminho de fuga e mudança que se apresenta diante de nós?

Fotografia 8: Colagem produzida pelo grupo no dia 19 de setembro de 2024.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

5.3 Violão Encantado: Sobre a Relação com os Objetos Relacionais

Sonho que se sonha só

É só um sonho que se sonha só

Mas sonho que se sonha junto é realidade

Trecho da música “Prelúdio”, Raul Seixas (1974)

Sonho narrado em encontro da Tenda do Sonho:

Eu estava pronto para viajar com o meu irmão para um lugar desconhecido. O ônibus que estávamos pegando parecia um ônibus que iria para o céu, um ônibus espacial. Quando a gente chegou, parecia a Paraíba. Neste lugar acabei me perdendo da minha irmã e fiquei andando pelas ruas desconhecidas. Até que eu encontrei um primeiro violão, ele era bem grande, amarelo e estava bastante destruído. Guardo para ajustar depois. Sigo a caminhada e encontro outro violão, desta vez ele estava apenas com o braço quebrado. Por último, encontro um terceiro violão que, desta vez, era torto. Penso comigo ‘eita que coisa boa, agora vou ficar com três violões’. Finalmente encontro a casa em que iríamos ficar e, para minha surpresa, na frente dela está Raul Seixas deitado em cima de uma cama. (Sonho narrado em 10 de outubro de 2024).

A relação deste participante do grupo com o violão é especial. Em todos os encontros que participou, sua escolha de objeto foi o violão, com o qual ele dedilhava e embalava o encontro com uma trilha sonora própria. A impressão que nos dava é de que o instrumento atuava como uma extensão de seu corpo, dada a familiaridade ímpar apresentada na interação com ele.

Um outro sonho trazido pelo mesmo participante nos contava algo mais sobre a sua corporeidade: *meu corpo foi cortado pela metade e jogado numa banheira* (Sonho narrado em 19 de setembro de 2024). O sonho estava ali completo, mas o corpo estava fragmentado. Neste sentido, o violão se faz um objeto relacional, dado que produz uma nova sensibilidade que compõe as

experiências sensoriais do sujeito. Em nosso primeiro encontro, ele perguntou: *“eu posso pegar o violão como meu objeto?”*, respondi que poderia, mas mal podia supor que eu estava diante de uma relação transbordante com a música propagada pelo som do violão. Além disso, a companhia do violão transformou sua presença no grupo abrindo diferentes caminhos possíveis, tanto para subsidiar sua participação, quanto para nos fazer flutuar com suas melodias.

No sonho contado na abertura deste capítulo, há elementos de familiaridade e estranhamento. A viagem é com um irmão, mas para um lugar desconhecido. O ônibus parecia pronto para ir ao céu, mas desembarcou na Paraíba. No destino, perdeu-se de sua irmã e decidiu vagar livremente e, vivenciando o desconhecido sozinho, o que encontrou? Violões. No vaguear solitário apresentaram-se violões, porém, quebrados, tortos, “torados”. Mas o estado destes violões não é uma questão tão importante, pois a alegria de tê-los excede a necessidade de consertá-los.

Finalmente, chega-se a um lugar familiar, a casa em que ficariam durante a estadia na viagem. Portando três violões, encontra o famoso “maluco beleza”, Raul Seixas, que foi presença certa em alguns sonhos partilhados no grupo. Certa vez, apareceu da seguinte forma:

Tive um sonho intenso com o Raul Seixas, ele estava de braços abertos, erguidos como o do Cristo Redentor, e vestia roupas angelicais, como se fosse um santo. Parecia que ele estava ali daquele jeito para me abençoar. (Sonho narrado em 12 de setembro de 2024).

Raul, aquela figura artística responsável por questionar certos ditames normativos, aparecia agora abençoando usuários da RAPS em sonhos. Confesso que considero um papel interessantíssimo a ser desempenhado por um santo. Ali, no sonho inicial, ele estava jogado em cima de uma cama, porventura seria ele o proprietário dos violões? Ou melhor, estaria ele aguardando o grande artista que havia de chegar com seus violões e acabara dormindo pela demora? Todas as possibilidades apresentadas por um sonho são possíveis e reais, afinal, Raul (1974) cantara que “sonho que se sonha junto é realidade”.

Neste ritmo, é importante dizer que objetos relacionais são artefatos da arte que produzem afecções: “blocos de sensações compostos pelas práticas estéticas aquém do oral, do escritural, do gestual, do postural, do plástico (...) que têm como função desmanchar as significações coladas às percepções triviais e as opiniões impregnando os sentimentos comuns” (Guattari, 2012, p. 104). Nesta montagem, tais afecções mobilizaram os participantes da pesquisa não só para que trouxessem seus próprios objetos relacionais, mas também para agir como coletivo que se fez ver e falar sobre os modos de afetar e deixar-se afetar pela arte e pela produção de conhecimentos em torno das narrativas oníricas.

O objeto relacional constitui um campo de encontro entre a potencialidade artística e as experiências de cuidado a serem desenvolvidas pelo sujeito; isso em favor da reinvenção dos modos possíveis de habitar o mundo. Com a ferramenta inventiva das narrativas oníricas, foi possível alçar amplos voos que inauguraram novos tempos de possibilidades para o coletivo. Para além do já destacado violão, podemos ressaltar a utilização de outros objetos relacionais, tais quais: filmes, livros, coroas, relógios, amuletos, microfones, instrumentos musicais, pelúcias, roupas e cartazes de produção própria. Todos esses fertilizaram a experiência da Tenda do Sonho criando nela uma via de elaboração criativa para expressão dos sonhos.

A utilização dos objetos relacionais foi deveras agregadora para a experiência narrativa dos sonhos, uma vez que os participantes podiam engajar materialmente suas imagens oníricas e constituir um concreto caminho narrativo para a partilha dos seus sonhos. Diferentes ilustrações a respeito disso poderiam ser contadas, mas consideramos o caso do violão como emblemático e suficiente para cumprir com os propósitos circunscritos nesta dissertação. Assim, ressaltamos a riqueza do trabalho de Lygia Clark e Lula Wanderley (2021), salientando a sua potencialidade para o trabalho com sonhos produzidos por usuários da RAPS.

Fotografia 9: Participante e o violão.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 10: Mesa com objetos relacionais.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 11: Mesa com objetos relacionais.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 12: Participantes com seus objetos após realização da Tenda do Sonho.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Fotografia 13: Grupo após realização da Tenda do Sonho.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

5.4 Oniropolítica como Articulação do Desejo

Ontem eu sonhei que estava tocando um repique, eu queria muito um repique. Toco numa banda, adoro música desde pequena, e tocando o repique no sonho parecia até que eu estava flutuando, tava toda livre. Agora eu entendi que eu preciso ir atrás de arrumar um repique. (Sonho narrado em 05 de setembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: repique).

A oniropolítica consiste em fazer o sonho parte integrante da praça pública, reconhecendo seu estatuto de reinvenção do tempo e do mundo, capaz de alterar cenários previamente roteirizados em cartas marcadas que denotam a ausência de possibilidades. A oniropolítica é uma forma de dar imagem ao desejo e, por isso, pensar novos futuros, outros passados, diversos presentes. O sonho não necessariamente reincide na violência do trauma, mas dele faz outra coisa. O sonho, a partir da massa bruta da materialidade, faz caminhos que não cabem nem mesmo na Via Láctea, mas se estendem por todo o cosmos e, quiçá, além dele.

Em “Moisés e a religião monoteísta”, Freud (1939/2018) nos conta que o trauma incorre em duas vias de consequências: 1) a reatualização do ocorrido, mediante as repetições do evento traumático que produzem pesadelos, angústia, bloqueios mnemônicos, intrusão de imagens violentas, etc.; e 2) súbitos atos de ódio e violência, evitação e indiferença, que operam um distanciamento da palavra, trazendo desamparo, desesperança e suspensão do laço com o outro. A primeira das consequências citadas gera diferentes desconhecidos que prolongam o trauma; já a segunda recolhe-se em silêncio, numa espécie de reprodução de um ato irrealizável. A tragicidade do evento traumático está, conforme Freud (1939/2018), na composição conjunta destas coisas que caracterizam a experiência traumática. Isso significa que, ao negar e ao fugir do trauma, nos lançamos de braços abertos para aquilo que mais queríamos nos afastar, tal qual a fatídica história do jovem Édipo que, ao descobrir sobre a profecia de sua vida, foge de Corinto para proteger seus pais (adotivos) e acaba encontrando e matando seu pai (Laio) e casando-se com sua mãe (Jocasta), concretizando as palavras que ele outrora havia amaldiçoado.

A tônica do trauma é o seu trágico determinismo. Todavia, esse não é o fim de nossa história psíquica. No texto “Recordar, repetir e elaborar”, Freud (2010a) trata da questão da repetição na clínica e aponta alguns caminhos interessantes. Em primeiro lugar, é importante considerar que o sujeito não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas o atua. Ele o repete, esse é seu modo de recordar. A importância do trabalho da análise está em reencenar isso no dispositivo analítico sob a transferência, criando uma zona intermediária entre o trauma e a vida.

Com isso, pode-se pensar que a nomeação das resistências e traumas vividos feitas no trabalho da interpretação levariam o paciente à cura imediata; entretanto, Freud mostra algo de grande valia: “é preciso dar tempo ao paciente para que ele se *enfronhe na resistência* agora conhecida, para que a elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho [de análise] apesar dela, conforme a regra fundamental da análise.” (Freud, 2010b, p. 207 e 208). Esse enfronhar-se na resistência⁹ é, sem dúvida alguma, uma tarefa penosa, mas é a parte que produz o maior efeito de transformação; é a parte, sem abrir mão da angústia do parto, de nascer palavras para expressar o trauma antes apenas advindo em ato.

O contexto freudiano é clínico, são observações ligadas à terapêutica que estava ali sendo gestada. Entretanto, não há imperativo que as restrinja e não permita o seu uso, por analogia, em processos coletivos. Os próprios textos culturais de Freud cancelam tal analogia. Paul Ricoeur (2007) propõe apoiar-se nas propostas psicanalíticas de Freud para compreender processos coletivos e políticos de elaboração do passado: políticas de anistia, indulto, comissões de pesquisa ou investigação sobre acontecimentos passados, etc. Processos que são desdobramentos da não-elaboração, da recusa, do recolhimento em silêncio, da denegação, das violentas voltas do recalcado e da repetição. Ricoeur destaca um trecho de Freud, no qual o vienense trata sobre a elaboração, como que um percurso necessário para transpor a repetição compulsiva, diz Ricoeur citando Freud:

⁹ Resistência aqui concebida tal qual Freud a pensou nos textos clássicos da psicanálise, em distinção com outros momentos do trabalho em que nos referimos ao conceito político de resistência, como uma produção de vida contra-hegemônica.

[...] adquirir a coragem de fixar sua atenção sobre as manifestações de sua doença. Sua própria doença não pode mais ser para ele algo de vergonhoso, ela deve se tornar um adversário digno, uma parte de sua essência, cuja presença tem boas motivações e da qual poderá extrair elementos preciosos para sua vida posterior. (Freud, como citado em Ricoeur, 2007, p. 85).

O interessante aqui é o apelo de Freud para enfrentar a doença, o passado, para, enfim, compreendê-los, ainda que esta compreensão não diga da racionalidade de uma cadeia de argumentos e de deduções. O sujeito deve sair do registro da queixa e da acusação, descritos em “Luto e Melancolia” (Freud, 2010b). Freud e Ricoeur, cada um em seu devido contexto, promulgam a defesa de um lembrar ativo: um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, feito através do dispêndio de energia visando compreensão e esclarecimento do passado, mas também o presente (Gagnebin, 2006).

Nesta seara, Walter Benjamin (2006) aponta que as imagens dialéticas, por um instante determinado, são hábeis para apresentar a paisagem completa da história, conferindo a possibilidade de aprendê-la. Esse instante é um tipo de tratamento para o trauma, pois permite a percepção da perda instaurando o processo de luto e o reconhecimento, bem como a legitimação, do vivido. Além disso, introduz-se a elaboração ausente ao trauma no momento de seu ocorrido, ainda que seja também uma elaboração ficcional.

Traça-se uma encruzilhada em que se encontram Freud, Benjamin e Ricoeur para enfrentarem problemas do Brasil atual: como responder a violência sem o uso da violência? Como não repetir a violência sofrida por usuários da RAPS? Como enfrentar corajosamente as violências? Essas questões podem se desdobrar para nossas diferentes contradições sociais: desigualdade econômica, racismo, sexismo, segregações diversas.

A afirmação que esta dissertação busca sustentar é a de que os sonhos e a oniropolítica, em sua íntima relação com o desejo, são um caminho de elaboração para o trauma ou, de maneira um tanto pessimista, um caminho para, ao menos o coletivo da Tenda do Sonho, se dar conta destas dores traumáticas que até então não possuíam palavras. De toda forma, certamente, é uma tangente de

desvio da opressão concreta imposta aos sujeitos excluídos dos parâmetros da normalidade. Os sonhos possuem dada propriedade reparadora que altera nossa relação com o tempo. Eles nos conduzem à interrogação sobre como passado-presente-futuro coabitam a mesma imagem. Com isso, demandam um trabalho de leitura e construção do que nomeamos como desejo. Tais imagens nos permitem reencontrar a história de nossos desejos, seus fios passados e os veios possíveis de serem abertos para desaguar em porvir.

Ao analisar a literatura de testemunho¹⁰ produzida após os horrores da Segunda Guerra, Gondar (2013) afirma que “os escritos dos sobreviventes não seriam apenas uma reprodução compulsiva da experiência traumática, mas uma resposta do eu, uma tentativa de dar contorno (um enlace) à experiência” (p. 174-175). Isso porque a escrita possui função primordial de dar forma. Se a escrita goza deste estatuto, a narrativa também o faz. A narrativa denota um lugar no tempo, firma relações com os outros e lança-se ao futuro. Narrar implica montar palavras e até mesmo criar novas, concedendo forma e sentido para aquilo que se procura dizer. Dar uma forma à vivência traumática significa figurá-la, revesti-la de imagens.

Durante o período do sonho, ocorre um recolhimento dos investimentos perceptivos e, por consequência, uma perda da percepção dos objetos investidos. Freud (2019) nos alerta que este recolhimento aproxima-se da perda do investimento da representação, característico do evento traumático, e desperta o temor da não representação. Neste momento, o que o sujeito produz? Os sonhos. As imagens oníricas seriam a guardiã, por excelência, do sono, pois elas concedem formato ao desejo garantindo a alucinação do desejo do sonhador. Isso nos conduz a pensar que o sonho, de partida, já seria uma resposta do eu em uma tentativa de primeiro enlace. Os sonhos traumáticos que se repetem seriam, neste caso, tentativas primordiais de vinculação com a energia disruptiva.

¹⁰ Gênero literário marcado pela escrita do trauma vivido na II Guerra, destacam-se obras como *É isto um homem?* de Primo Levi e *A escrita ou a vida* de Jorge Semprun.

Todavia, em “Além do princípio do prazer”, Freud (2013) coloca os sonhos característicos da neurose traumática na ordem da compulsão à repetição, excluindo-os da posição de realização do desejo, sendo uma exceção à regra fundamental da formação onírica. Entretanto, ainda há nestes casos uma tarefa também interessante: os sonhos traumáticos “buscam resgatar a capacidade do aparelho de processar os estímulos que afluem quando do desencadeamento do terror – processamento cuja ausência no passado foi causa da neurose traumática” (Freud, 2013, p. 126). Trata-se, portanto, de constituir, pela via da figurabilidade, um enlace ainda anterior à representação e ao processo primário, ainda que esse enlace seja precário.

Parece que estamos às vias com o fato de que os sonhos são, por princípio, tentativas do aparelho psíquico de fazer laço com energias disruptivas. Logo, são tentativas psíquicas de promover conciliação com elementos traumáticos. Caso o sujeito seja hábil para conferir uma elaboração ao traumático, ele se utiliza das imagens (oníricas) para iniciar a ordenação dos fragmentos vividos que se encontram inundados de afetos e, paulatinamente, conter a impressão traumática. Disso emerge a necessidade e a importância de narrar os sonhos.

O sujeito traumatizado ocupa, ao narrar sua história, uma outra posição subjetiva frente ao trauma. Diante da força desestabilizadora do trauma, o sujeito busca refúgio e reestruturação pela narrativa (Antonello & Gondar, 2013). Narrar possibilita a expressão, enlaçamento e endereçamento. Dito de outro modo, frente à força disruptiva de uma realidade excessiva, o sujeito recria-se pela narrativa. Ao repetir o trauma pela via da narração, o mal que assola o narrador deixa de estar congelado na memória.

A narrativa implica em direcionamento ao outro com intencionalidade. Narrar sobre o trauma é tentar torná-lo palatável para si e para o outro que o ouve. Indica a necessidade da partilha, questão que se apresenta como condição para a sobrevivência.

De fato, a densidade das narrativas oníricas causa um constrangimento no ouvinte, uma reação que pode se comparar ao próprio trauma. Porém, é importante, para quem ouve, suportar o

conteúdo narrado para que ele ganhe status de verdade, de inscrição, de reconhecimento. É neste sentido que a Tenda do Sonho se configura como um caminho de elaboração para o trauma ou, pelo menos, fazer-se aperceber dele.

Ao longo de todo o trabalho com o grupo, narrativas de cenas violentas e traumáticas se fizeram constantes:

Uma bruxa bem nariguda aparece e me acerta com um raio. Eu acordei totalmente paralisado. É um sonho de quando eu tinha 8 anos (Sonho narrado em 24 de outubro de 2024 – Sem objeto relacional escolhido).

Eu estava dentro de um videogame em uma região desértica. Aparecia um homem muito branco de cabelos brancos penteados para trás. Ele vestia terno e gravata. O poder dele era soltar feixes de energia com as mãos, ele me perseguia e tentava me acertar. Vou pulando de um canto ao outro até que ele me acerta e fico congelado (Sonho narrado em 24 de outubro de 2024 – Objeto relacional escolhido: controle de videogame).

Iria acontecer um show dos Racionais aqui em Natal. Para chegar na plateia, tínhamos de subir uma estreita escada circular bem alta. Quem estava em cima conseguia ver todo mundo que estava lá embaixo. Eu estava subindo. De repente, surgem vários carros da polícia e começam a lançar fumaça em cima de todo mundo que estava indo para o show. Tudo fica muito escuro e vamos caindo um a um (Sonho narrado em 10 de outubro de 2024 – Objeto relacional escolhido: microfone).

Sonhei que eu estava entrando dentro de um ônibus e, quando iria passar da catraca, aparecia um homem com um tijolo e batia com ele na minha cabeça. (Sonho narrado em 07 de novembro de 2024 – Sem objeto relacional escolhido).

Era uma festa política com vários jovens. A polícia aparece e invade a festa. É um deus nos acuda imenso, corro para me esconder e fico sozinho. Mas a polícia me encontra e começa a me interrogar. Nesta hora, muda o plano do sonho e vou para outro lugar. Estou em casa, mas os meus familiares são versões demoníacas deles. Não consigo fugir para canto algum. Tenho a sensação de

que é inescapável. Decidi fugir. Uma tia demônio corre atrás de mim. Tranco a porta do banheiro. Encontrei uma passagem escondida. Vou correndo. Demônios atrás de mim. Surge um extraterrestre amigável que me mostra uma saída. Apareço noutra planeta junto com ele. Tem um dragão do qual temos de fugir. Finalmente encontramos um local tranquilo e ficamos mexendo na água. (Sonho narrado em 24 de outubro de 2024 – Objeto relacional escolhido: manequim).

Minha casa estava pegando fogo e eu simplesmente não percebia. Todo mundo já estava fora de casa e eu lá dentro com a casa em chamas. Depois de muita luta consigo sair com o cachorro por uma janela e vamos até a rua pelo corredor lateral do terreno. (Sonho narrado em 14 de novembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: chave).

Eu sonhei com o falecimento dos meus pais, nossa casa tinha sido invadida e os invasores atiraram nos meus pais¹¹ (Sonho narrado em 28 de novembro de 2024 – Sem objeto relacional escolhido).

Esses sonhos foram alguns daqueles que podem ser entendidos como representações dos entornos do trauma. Na composição da Tenda do Sonho, houve sonhos que nos fizeram rir, sonhos que nos fizeram chorar, sonhos que nos fizeram suspirar em esperança, sonhos que nos lançaram em desespero, porém, todos sonhos que foram ouvidos, acolhidos e legitimados em sua narração.

Lá pelo terceiro encontro da Tenda do Sonho, uma assídua participante do grupo chegou para mim e disse: “*Professor, desde que começou o grupo, eu tenho mais vontade de ir atrás das minhas coisas e tá começando a dar certo. É muito interessante isso de contar os sonhos, ouvir sonhos, parece que anima algo na gente. Já consegui o repique e uma maquiagem, agora vou atrás de ajeitar o resto das coisas*”.

¹¹ Sonhos de angústia e pesadelos também se fizeram presentes durante os encontros da Tenda do Sonho e demandaram a gestão coletiva do grupo diante dos afetos ali colocados, possibilitando a narração do sonhador, a escuta grupal e a partilha da experiência, na tentativa de produzir contorno simbólico à produção compartilhada.

Segue um outro sonho narrado no grupo: *estávamos na praia, ali na Praia de Miami, numa atividade do CECCO. De repente, chegaram uns 30 estagiários todos vestidos de azul e eu fiquei doidinho, porque tinha de receber todos. Era uma festa grande. Pior que esse sonho já tá se realizando e ontem chegaram uns 10 estagiários* (Sonho narrado em 12 de setembro de 2024 – Objeto relacional escolhido: microfone). Este conviva está participando ativamente da recepção dos estagiários, poucos dias depois da partilha deste sonho, foi iniciado um programa, apresentado por ele, nomeado “Rádio Bilola News”¹², no qual, dentre vários quadros, ele entrevista os novos estagiários que chegam para circular no Centro de Convivência.

A mobilização do sonho inaugurou, para este usuário, a posição de encarregar-se pelo acolhimento dos novos estagiários. Posição essa que alterou sua dinâmica com o serviço, fazendo-o ser um membro ativo que costumeiramente visita às universidades da cidade e engaja-se na importante articulação entre estudantes, usuários, serviço e equipe. Destaca-se, também, a sua crucial função articuladora na execução da Tenda do Sonho, visto que ele tratava de publicizar o grupo ao longo de toda a semana e convidar os demais usuários para participarem.

O ponto a ser salientado aqui é que a partilha dos sonhos parece ter dado aos participantes certa sutura para subsidiar sua presença no CECCO e a afirmação de ações revestidas de implicações pessoais que reverberam nas coletividades habitadas por eles. Neste momento, gostaria de resgatar as questões centrais lançadas no início do trabalho e elaborá-las com base no vivido em campo.

Primeiro, nos interrogamos sobre quais as potências contidas no ato de sonhar e partilhá-lo em grupo. Trabalhar com os sonhos desafia a separação tradicional entre individual e coletivo. A sua partilha nos conduziu para interseções entre temas variados como meio ambiente, diversidade, sexualidade, espiritualidade, cidade, loucura, etc., bem como produziu relevo para a manifestação das diferenças relacionadas a cada um desses temas. Foi possível perceber, durante a Tenda do Sonho,

¹² Um desdobramento do grupo de Whatsapp, no qual os convivas vivenciam o CECCO de maneira virtual.

que as imagens trazidas com o artifício da montagem entre narrativas oníricas e objetos relacionais constituiu-se enquanto um caminho fértil de mediação para um trabalho grupal, pois colocou todas as temáticas evocadas pelos sonhos numa perspectiva “em-relação” e não meramente individuais.

Os exemplos descritos na pesquisa demonstram que o grupo foi capaz de abordar tanto “pontos cegos” coletivos quanto relacionais. Ao longo do período de realização da Tenda do Sonho, o grupo compartilhou sonhos pessoais que transbordavam em uma partilha grupal e, ao longo do tempo, interpretou, compartilhou pensamentos e memórias, respondendo à narração dos sonhos e às situações grupais. A mediação de um grupo como esse viabiliza diversos momentos de ressonância, dissonância, espelhamento e distanciamento; entretanto, a mola do sonho aparenta ter uma função social que por vezes é disfarçada por fortes apelos pessoais contidos no sonho, mas que os habita em potência. O trabalho em grupo pode fazer tal potência saltar para uma elaboração coletiva que destrava inúmeros caminhos de possibilidades. Há uma ruminação compartilhada que carrega bastante pluralidade em virtude da polifonia que habita o sonhar (Kaes, 2002).

As relações que se constituem no ato da partilha do sonho transformam-no em algo distinto das nossas percepções individuais e preocupações coletivas. A conviva anteriormente mencionada, aparentemente incerta de buscar seus desejos, sonhou com um repique e nos contou, logo depois, que parece ter descoberto a potência comunicacional e transformadora dos sonhos, capaz de mobilizar desejos e nos investir na vida. Assim, podemos entender as imagens dos sonhos como ruínas perceptivas de outro tempo que se apresentam, no presente, como uma possibilidade de reordenamento.

A proposição de trazer a polifonia dos sonhos para a Tenda do Sonho tem o intuito de destacar um importante elemento da partilha: a entrada na alteridade daquilo que é vivido no íntimo, ainda que embebido do político, da cultura e da história. Trata-se de coletivizar algo que, de princípio, já é do coletivo, mas que foi vivido no campo do singular. Ao compartilhar narrativas oníricas, é possível pensar uma elaboração que incida no campo político, cultural e histórico, bem como nas fissuras

traumáticas presentes no tecido social. Afirma-se, então, que compartilhar os sonhos cria um campo de circulação de dizeres e saberes que viabilizam uma elaboração coletiva e compartilhada, a qual revisita o ontem e funda uma reconstrução do amanhã. Como diz Rosa (2018), “re-construção que implica uma reinterpretação do passado e a construção de uma narrativa ficcional que o situe no laço social. É do campo compartilhado que o sujeito faz a experiência de inventar-se e inventar o mundo” (p. 190).

A narrativa onírica não se esgota em uma unidade de interpretação ou verdade, mas é ampliada de modo a evidenciar não somente o relato único dos sonhos, mas as possibilidades de deslocamento de saberes, dizeres e interpretações diante do narrado. Ao ampliar as narrativas, o grupo dialoga com o mundo onírico e abre um amálgama de forças subversivas e de resistência, mas também de violência e aniquilação.

Os sonhos carregam a capacidade de representar o cotidiano em suas fantasias e desejos, mas não somente. O sonho é uma plataforma na qual é possível representar o outro. O novo. A alteridade. A criação, que é capaz de escancarar portas e sustentar o caminho de que há uma forma de viver uma elaboração que seja coletiva e partilhada.

Em sequência a isso, desdobra-se a elaboração em torno de nossa segunda questão: como grupos de sonhos podem operar na produção da saúde de profissionais e usuários?

Jean-François Lyotard (2015) postulou que o desaparecimento das metanarrativas, ou grandes narrativas, eram um traço constitutivo da chamada pós-modernidade. A compreensão de Lyotard indica que uma certa incredulidade em relação às metanarrativas e a eclosão de narrativas singulares por todos os lados seria uma das marcas de nosso tempo. É necessário romper com histórias únicas e cristalizantes que se supõem plenas. É importante ampliar a possibilidade de saberes sobre si e o outro. Se faz fundamental a criação de espaços que são, intencionalmente, pautados por um campo plural de troca de narrativas.

Desse modo, partilhar narrativas se sustenta como uma maneira de resistência e uma forma de enfrentamento à objetificação, demarcando um circuito de afetos e histórias distinto da desumanização, apontando para uma produção de saúde implicada. Partilhar e ouvir histórias de si e dos outros é uma afirmação dessa frente de resistência e enfrentamento. Com as narrativas oníricas, aventura-se por outras formas de criar e dizer, gerando um espaço de elaboração que compõe o complexo tecido de possibilidades que envolve narrar a própria subjetividade e seu entorno.

O material trabalhado nesta pesquisa é a enunciação de uma experiência que narra a cena onírica. O compromisso primário não é com o sonho de fato, que diz de um acontecimento vivido no íntimo, mas com a narratividade disso e suas reverberações no coletivo. No momento em que o sujeito se coloca para expor e montar em linguagem a vivência do sonho, cria-se uma narrativa que dá corpo ao vivido. A narrativa onírica é produzida mediante uma costura entre a intimidade e a interpelação lançada à alteridade que a testemunha.

A narrativa dos sonhos conta com doses de ficção que se estruturam materialmente na linguagem e expressam fragmentos de memórias, fantasias, desejos, coisas inomináveis, etc.; todas como fruto de uma invenção única e singular montada na narrativa de quem se propõe a externalizar seu sonho. Em decorrência disso, a narrativa onírica posiciona-se como uma ficção que contém algo da intimidade do sujeito.

Nesta perspectiva, o onírico porta uma maneira de narratividade acerca do sofrimento, do trauma, do desejo e da experiência, ampliando os lugares imagéticos particulares da lógica inconsciente e alargando nossa capacidade de apropriação do momento social e político que nos afeta (Imbrizi & Domingues, 2021).

Partilhar um sonho, fazendo com que ele seja trocado e elaborado em conjunto, permite que sensações indizíveis possam ser mobilizadas em outros, cada qual ao seu modo. Não nos interessa uma história única, uma metanarrativa, mas a polifonia sobre cada coisa que for suscitada pelos sonhos.

Nossa resposta para a questão elencada anteriormente gira ao redor de um sonho que anseia por ser compartilhado. Há produção de saúde na partilha dos sonhos. A magnitude dos sonhos para os Yanomamis já foi tratada, mas gostaríamos de novamente trazê-la para corroborar com o que está sendo dito.

Em “A queda do céu”, Kopenawa (2015) nos diz que, durante sua primeira viagem às grandes cidades europeias, visitadas por ele para fincar as bandeiras da preservação ambiental e de seu povo diante destes povos distantes, ele sonhava muito, mas não compartilhava seus sonhos. Ele estava longe e não havia um ambiente capaz de proporcionar um campo de trocas oníricas.

Para um xamã, o sonho “é a nossa escola, onde aprendemos as coisas de verdade” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 77). Vamos nos ater ao quão fundamental possa ser a existência de um lugar em que narrativas oníricas possam circular. Partilhar sonhos carregados de afetos sócio-políticos e intimidades não é tarefa que se faça fortuitamente. Não se compartilha em qualquer lugar, tempo ou pessoa, o que nos convoca à construção de espaços favoráveis à partilha de narrativas oníricas e na invenção de metodologias como a Tenda do Sonho, para que haja a construção e o fortalecimento de uma rede pela qual os afetos e as narrativas possam circular.

Podemos destacar dois efeitos ressaltados pela experiência da Tenda do Sonho: 1) a cartografia de um mapa afetivo montado coletivamente; e 2) o ato de resistência que reside na elaboração coletiva e na concepção conjunta de novos futuros. Nos dias atuais, nos quais há a propagação virulenta da extrema direita e da face mais sombria do capitalismo, o fascismo, sonhar configura-se como uma forma de resistência e enfrentamento.

Estamos convictos de que as narrativas oníricas, ao serem partilhadas e endereçadas a um outro, promovem furos no discurso totalitário e totalizante da atualidade, além de construírem novos sentidos sobre os efeitos do mal-estar hodierno (Rosa et. al., 2021). Sonhar, em tempos tão sombrios, é resistir. E compartilhar os sonhos, em tempos de individualização, é enfrentar o modo de vida hegemônico.

Desta feita, nossa proposta foi a formação de um campo afetivo que, em trocas e na produção de singularizações, tornou possível o caminhar juntos em direção a uma resistência frente às violências da ordem capitalística. Um caminho que fosse sonhado em conjunto.

Montar em coletivo narrativas que dizem dos traumas sociais, como são os sonhos, passa por convocar a alteridade para ocupar uma posição de quem caminha para uma elaboração. É colocar os outros como testemunhas de nossas tentativas de resistência a políticas de aniquilamento e produzir encaminhamentos coletivos.

Se nos sonhos habita o mundo, dado que “se o inconsciente é estruturado como e pela linguagem, como sustentara Lacan, temos que o sonho é efeito dos processos sociais e políticos experienciados pelo sonhante, uma vez que o inconsciente é a política” (Imbrizi, Gomes & Binkowski, 2021, p. 28), somos impelidos a coletivizar os sonhos e a devolver à alteridade aquilo que foi constituído em relação com ela. Partilhar é afirmar um lugar de trato com o coletivo.

Na partilha dos sonhos há espaço para a consideração dos traumas sociais, assimilando como esses estão sendo elaborados, simbolizados e subjetivados. É neste campo de articulação com a alteridade que nos enfiemos em um plano de invenções que produzem o novo, o diferente. Diante disso, propor a Tenda do Sonho envolve afirmar uma outra forma de se haver com os traumas sociais, visto que “a possibilidade de transmitir, não pela via do sintoma e sim pela via da narrativa, a história traumática (...) visa impedir a transmissão do trauma” (Kehl, 2018, p. 09). Isso quer dizer que estamos diante de mais um dispositivo de enfrentamento da lógica de funcionamento das estruturas de poder, e da sociedade/cultura. Narrar pode ser um operador pelo qual há uma tentativa de impedir uma repetição sistemática de um trauma. Um trauma social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa propôs-se a desenvolver uma leitura articulada entre sonhos, política e questões do campo da Saúde Mental, tendo como objetivo investigar as potências da partilha coletiva de sonhos

na produção de saúde, na criação da vida e de práticas de resistência à ordem capitalista. Assumiu-se o referencial teórico tanto da psicanálise e da esquizoanálise, quanto de saberes ancestrais de povos indígenas. O *ethos* da pesquisa pautou-se pela consideração da estruturação histórica e política do tecido social, atentando-se às políticas de violência que se instauram no seio do capitalismo, como, por exemplo, a estigmatização da loucura e questões étnico-raciais.

Os sonhos, a partir da oniropolítica, não são meramente retratos oníricos dos conflitos políticos e históricos. Eles são mais do que uma cristalização mnemônica do passado, mais do que um recorte do presente e mais do que uma previsão do futuro. O sonho e sua partilha é um campo de potência, de efetiva criação. Os sonhos operam como um oceano que pede para ser navegado, pois guardam consigo inúmeros saberes que, apenas com imersão direta, se apresentam diante de nós. O sonho, enquanto um amálgama dos registros da vida, é um campo possível para feitura de laços.

Neste sentido, interrogo: pode o sonho, tecido numa história singular, ser um dispositivo de articulação da história social pondo-se a serviço da crítica da cultura e do laço social? Sim, dado que quem se põe a narrar um sonho testemunha de si e de seu entorno. Entorno esse que não estratifica lugares delimitados para os planos familiar, grupal, histórico, político e social. Além disso, quem se disponibiliza a narrar seu sonho em roda, em uma Tenda do Sonho, convoca o outro a também testemunhar algo. É um jogo jogado a dois, três, quatro, centenas, milhares.

O sonho, em sua narratividade, faz laço, sendo um material vivo e pulsante pelo qual o afeto se transmite e enlaça o outro. Através da narrativa onírica lança-se algo do íntimo que convoca a todos (inclusive o narrador) a analisarem suas implicações com aquilo que está sendo dito. Os sonhos são uma via de criação que viabiliza a propagação dos afetos e das questões do campo histórico, social e político, formando uma rede de compartilhamento poroso e visceral que abre espaço para que caminhos possam ser sonhados em coletivo. A formação de uma montagem existencial sonhada e compartilhada que aponta para futuro, passado e presente.

A Tenda do Sonho, como principal operador metodológico desenvolvido nesta pesquisa, mostrou-se um terreno fértil para o desdobramento das potencialidades existentes nas narrativas oníricas, uma vez que, a partir dela, um extenso campo de montagens político-afetivas foi confeccionado e permitiu o desenvolvimento deste trabalho. Nosso intento é de seguir esquadrinhando as potências deste dispositivo, criando seus modos de operar e propondo a sua integração em unidades da Rede de Atenção Psicossocial.

Oferecer uma leitura onipolítica dos sonhos é construir uma ética-onírica que incide como resistência ao enfrentamento do pesadelo social que está emergindo. Neste momento, fevereiro de 2025, presenciamos o trumpismo, aliado aos oligarcas do Vale do Silício e do petróleo, trabalhando com toda a força esbravejando ódio aos imigrantes latino-americanos, distribuindo taxações tarifárias de forma indiscriminada, saindo de acordos internacionais e ameaçando a tomada pela força de territórios. Na Alemanha, pesquisas indicam que a AfD (*Alternative für Deutschland*), partido de extrema-direita, está em segundo lugar na corrida parlamentar para compor o *Bundestag*, parlamento alemão, em eleição a ser realizada em 23 de fevereiro de 2025. Na França, o *National Rally* (Reagrupamento Nacional), partido de extrema-direita representado por Marine Le Pen, só não arrebatou as eleições de 2024 em virtude de uma ampla coalizão entre esquerda, centro-esquerda e centro, que elegeu novamente Emmanuel Macron. No Brasil, parlamentares se mobilizam exigindo anistia aos envolvidos no atentado de 8 de janeiro de 2023, e por tabela, a Jair Bolsonaro. Hugo Motta, recém eleito presidente da Câmara dos Deputados e herdeiro de Arthur Lira, já disse que 8 anos é tempo demais para tornar alguém inelegível. Líderes da extrema-direita brasileira se levantam pedindo o fim da Lei da Ficha Limpa. Sim, por mais irônico que seja, eles pedem o fim da Lei que, injustamente, retirou o presidente Lula do pleito presidencial em 2018. No Brasil de 2025, não há interesses públicos e comuns, apenas interesses privados defendidos por uma pútrida massa parlamentar.

Os grandes conglomerados de comunicação, representados por Elon Musk e Mark Zuckerberg, já tomaram sua posição. Colocarão suas plataformas bilionárias à disposição da extrema-direita. O mundo, que aprendeu a não viver sem os algoritmos das redes sociais, está posto como refém do lucro que o fascismo pode dar. O ódio gera engajamento. O lucro do capital jamais será polido e criterioso, mas sempre voraz e imparável.

Neste cenário, repetidas irrupções de intensa angústia me abatem; entretanto, esta noite eu sonhei:

Era tarde da noite, alta madrugada. Estávamos eu e minha esposa vagando pelas ruas de Berlim. Fazia frio e não tínhamos roupas apropriadas para nos proteger. Decidimos correr para algum abrigo. Ao chegar começamos a ouvir uma canção ao longe. Parecia tão sedutora que optamos por enfrentar novamente o frio para tentar encontrá-la. Depois de muito vaguear, chegamos ao Brandenburg Tor (Portão de Brandemburgo) e encontramos, ao que parece, milhões de pessoas. Não era possível ver o início ou o final. Não havia chão para tantas pessoas. Vejo ao fundo o pináculo da Prefeitura Vermelha (Rotes Rathaus) e indico para minha esposa que havia alguém no topo, um regente que conduzia o cântico da multidão. A música dizia:

Wehrt euch, leistet Widerstand, - Resistir, resistir

gegen den Faschismus hier im Land! - contra o facismo aqui no país!

Wir sind jetzt zusammen! Wir sind jetzt zusammen! - Estamos juntos agora! Estamos juntos agora!

Nos juntamos à multidão e seguimos o cântico. (Sonho de 17 de fevereiro de 2025)

Em alemão, há uma expressão chamada *Brandmauer* (Firewall - Muralha de fogo) que representa o conjunto de medidas tomadas pelo país após a Segunda Guerra Mundial para impedir a ascensão da extrema-direita e barrar a repetição do trauma nazista. Em manifestações recentes, pessoas saem às ruas com cartazes escritos *Wir sind die Brandmauer* (Nós somos a muralha de fogo).

Como uma das grandes fontes de inspiração para a oniropolítica e este trabalho é a obra de Charlotte Beradt, “Sonhos no Terceiro Reich”, nada melhor do que voltar ao solo alemão para encerrar esta dissertação. Nestes tempos, estou inclinado a afirmar que o trato oniropolítico dos sonhos também compõe a muralha de fogo contra o fascismo. Os sonhos são um denso e complexo material para se trabalhar; a partir deles, podem sair inúmeras coisas, incluindo furos de subversão à ordem hegemônica das coisas e do pesadelo hodierno.

Post scriptum – Durante a defesa da dissertação, uma professora membra da banca apontou um fato interessantíssimo que havia passado despercebido para mim: os sonhos de abertura e fechamento são permeados pela imagem e presença do fogo. É como se houvesse um fio onírico que se estabeleceu inconscientemente. Há uma associação entre atuar no CECCO, ser alvo do sucateamento da RAPS, da violência da prefeitura contra o serviço, e resistir à internacional fascista e ao desmantelamento da RAPS. A professora me questiona: Qual a sua arma para a produção de resistência? Quais práticas a Tenda do Sonho arma para a resistência e o enfrentamento ao desmonte da RAPS em Natal/RN? Fico com esses questionamentos na cabeça para seguir me mobilizando.

7. REFERÊNCIAS

- Antonello, D., & Gondar, J. (2013). A escrita do traumático. *Estudos da Língua*, 11(1), 165-185.
- Al Berto. (2000) *Horto de Incêndio*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Altoé, S. (2004). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 8.
- Alves, R. (1994). *A alegria de ensinar*. 3rd ed. São Paulo: Ars Poética Editora Ltda, p.72-77.
- Barros, R. B. (2013) *Grupo: a afirmação de um simulacro*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS.
- Bell, D. (1974) *O Advento da Sociedade Pós-Industrial*. São Paulo: Cultrix.
- Benjamin, W. (1987) *O narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. *Magia e Técnica, arte e política*. 3º Ed. São Paulo: Brasiliense.

- Benjamin, W. (1987). *Rua de mão única* (Vol. 2, pp. 71-142). São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Benjamin, W. (2013) *Rua de mão única: infância berlinense*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bergson, H. (2004). *O sonho*. Trans/form/ação, 27, 93-109. (Conferência feita no Instituto Geral Psicológico em 26 de março de 1901)
- Beradt, C. (2017). *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas. (Trabalho original publicado em 1966)
- Bispo, A. S. (2021). “Fazer um retorno: contribuição ao caminho de pesquisa”. In: A. de Oliveira Santos (org.). *Saberes plurais e epistemologias aterradas: caminhos de pesquisa na psicologia e nas ciências humanas*. Niterói: EDUFF, p. 37-43.
- Bloch, E. (2005). *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, EDUERJ.
- Brasil, Ministério da Saúde (2024). *Saúde Regulamenta os Centros de convivência como parte da rede de atenção psicossocial*, Ministério da Saúde. Available at: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/saude-regulamenta-os-centros-de-convivencia-como-parte-da-rede-de-atencao-psicossocial> (Acesso: 27 de Novembro de 2024).
- Brum, E. (2013). *A realidade da fantasia*. In: A menina quebrada: e outras colunas de Eliane Brum. Arquipélago Editorial, p 157 - 162.
- Bussinguer, E. C. D. A., & Arantes, M. L. (2016). O estigma da loucura como fator usurpador da dignidade humana: uma análise na perspectiva do direito à saúde. *Interfaces Científicas-Direito*.
- Butler, J. (2019). *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Autêntica Business.
- Campeato, M., Rodrigues, E. & Schuler, B. (2022). Recolher e colecionar a leitura e a escrita: por uma montagem estética do pensamento. *Pro-Posições*, 33, 1-22.
- Castro, E. V. (2015). O recado da mata. In: Kopenawa & Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 11-41.

- Castro, E. V. (2018). *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora. n-1 edições.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). 1874 – Três novelas ou o que se passou? Em G. Deleuze & F. Guattari. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. (A. Guerra Neto e cols. Trans.). v.3, Rio de Janeiro: Editora 34 (Trabalho originalmente publicado em 1980).
- Deleuze, G., Guattari, F. (2010) *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. (2º Ed.) Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Editora 34.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Didi-Huberman, G. (2016). *Remontar, remontagem (do tempo)*. Caderno de Leituras, 1, 01-07.
- Didi-Huberman, G. (2017). *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Editora UFMG.
- Didi-Huberman, G. (2018). *Remontagens do tempo sofrido*. Editora UFMG.
- Didi-Huberman, G. (2020). *Imagens apesar de tudo*. Editora 34.
- Dunker, C. I. L. (2019). *Oniropolítica: alegorias da violência no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Boitempo. Recuperado em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/10/07/oniropolitica-alegorias-da-violencia-no-brasil-contemporaneo/>
- Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D., & Gurski, R. (2021). *Sonhos confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica Editora.
- Espinosa, B. (2009). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fanon, F. (2022) *Os Condenados da Terra*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fisher, M. (2020). *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*. Autonomia Literária.

- Freud, S. (2010a). *Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“o caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução Paulo César de Souza. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010b). *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução Paulo César de Souza. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013). *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917 - 1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2018). *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução Paulo César de Souza. 1ºed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2019). *Obras completas, volume 4: A Interpretação dos Sonhos*. Tradução Paulo César de Souza. 1ºed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foucault, M. (1978). *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva.
- Gagnebin, J. M. (2006) *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34.
- Gadelha, M. J. A. (2015). *Artes de viver: a tenda do conto: recordações, dores e sensibilidade no cuidado em saúde*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Glowczewski, B. (2015). *Devires totêmicos: cosmopolítica do sonho*. São Paulo: n-1 edições.
- Guattari, F. (1987). *Revolução Molecular*. Pág. 13-19. São Paulo, Brasiliense. Coletivo Sabotagem.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- Guerra, A. (2010). *A psicose*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gullar, F. (2017). *Na vertigem do dia*. Editora Companhia das Letras.
- Gurski, R. & Perrone, C. (2021). “Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. In C. Dunker, C. Perrone, G. Iannini, M. Rosa, & R. Gurski (Orgs.), *Sonhos*

Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. São Paulo: Autêntica. pp. 109-130.

Han, B-C. (2017). *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes

Heller, A. (1989). *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra.

Inter TV, (2024). *RN TV 2a edição: Mulher Arremessa Cadeira na Câmara de Natal durante audiência sobre fechamento de caps, Globoplay*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13085481/> (Acesso: 27 de novembro de 2024).

Imbrizi, J. M. & Domingues, A. (2021). Narrativas oníricas e a partilha de experiências (extra)ordinárias. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 25 (1).

Imbrizi, J. M., Gomes, M. & Binkowski, G. (2021). O trem da vida e o metrô para a morte: arte e sonho interpelam sujeitos políticos em tempos pandêmicos. *Deslocamentos/Déplacements: Revista Franco-Brasileira Interdisciplinar De psicanálise E Ciências Sociais*, 2, 26–73.

Kaes, R. (2002). The Polyphonic Texture of Intersubjectivity in the Dream, in Neri Pines Friedman. *Dreams in Group Psychotherapy*. London: Jessica Kingsley Publishers, pp. 67–78.

Kehl, M. R. (2002) *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Kehl, M. R. (2018). Prefácio. Em M. D. Rosa. *A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta.

Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, A. (1992) *Antes, o mundo não existia*. In: Novaes, A. (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 202-3.

Krenak, A. (2019).. *Ideias para a adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lacan, J. (1954-55/1992). *O seminário: livro 2 - o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1992/54-55). 3º Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1964/2008). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1966/1998) *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lafraia, L. M. (2019). *Espaço onírico e trabalho institucional: condições do sonhar compartilhado das equipes em instituições de cuidado*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Lima, A. E. M. F. (1997). *Clínica e Criação: a utilização de atividades em instituições de saúde mental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- Limulja, H. C. L.(2019). *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami (Pya u – Toototopi)*. Tese de doutorado, UFSC, Florianópolis, SC, Brasil.
- Leandro, M., Couto, D., & Lanna, M. (2013). *Da realidade psíquica ao laço social: a função de mediação do conceito de fantasia*. Cadernos de Psicanálise – Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, 35(28), 27-48.
- Lévi-Strauss, C. (2021). *O cru e o cozido* (Vol. 1). Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Löwy, M. (2005). *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Editora Boitempo.
- Lyotard, J. F. (2015). *A Condição Pós-Moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 16ª ed. José Olympio Editora, Rio de Janeiro.
- Map Biomas (2025). Área queimada no Brasil entre janeiro e setembro foi 150% maior que no ano passado. Recuperado em: <https://brasil.mapbiomas.org/2024/10/11/area-queimada-no-brasil-entre-janeiro-e-setembro-foi-150-maior-que-no-ano-passado/>
- Marx, K. (1978) O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: Marx, K. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural.

- Natal (2024). Lei Orçamentária Anual. Recuperado em: <https://www2.natal.rn.gov.br/transparencia/orcamento-ppa.php>
- Natal (2024). Contrato com a Sociedade Professor Heitor Carrilho. Recuperado em: <https://www2.natal.rn.gov.br/transparencia/contratos.php>
- O Poti. (8 de outubro de 2023). Mais de 20 entidades assinam nota de repúdio à contratação de novos leitos no Hospital Psiquiátrico Severino Lopes. Recuperado em: <https://opoti.com.br/mais-de-20-entidades-assinam-nota-de-repudio-a-contratacao-de-novos-leitos-no-hospital-psi-quiatrico-severino-lopes/>
- Rauter, C. (2000) Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: Amarante, P. (Org.) *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Ribeiro, S. (2019) *O oráculo da noite: história e ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ribeiro, S. (2022) *Sonho Manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Editora Unicamp.
- Rolnik, S. (2002). *Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 25.
- Rosa, M. D. (2018). *A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta. 2ª Edição.
- Rouanet, S. P. (1990). *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Roudinesco, E. Plon, M. (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Safatle, V., Silva Junior, N., & Dunker, C. (2018). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Santana, I. L. (2018). Uma frágil força messiânica: por uma filosofia da história ética. R. *ÎANDÉ: Ciências e Humanidades*, 2(1), 124-135.

- Schenkel, J. M. (2024). Por uma clínica do interstício: intervenção-pesquisa no Centro de Convivência e Cultura de Natal. (Tese de Doutorado)
- Seixas, R. (1974). *Prelúdio*. Gita (Faixa 4, lado B). Philips Records.
- Souza, N. S. (2023). *A psicose: um estudo lacaniano*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Valentim, M. A. (2021). Sonho de fogo: a cosmologia onírica de Davi Kopenawa. *PERI*, 13 (2), 1-16.
- Wanderley, L. (2002) *O dragão pousou no espaço: Arte contemporânea, sofrimento psíquico e o Objeto Relacional de Lygia Clark*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- Wanderley, L. (2021) *No silêncio que as palavras guardam*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco.